



PORTUGAL

Neste termo se consubstancialisa a idéa nobre e santa que nos inspira em fremitos de terno amor; amar a Patria é contemplar a Humanidade, e hoje ser patriota é ser republicano.

Patria e Republica são hoje duas idéas complementares sem uma das quaes a outra não póde ser.

Olhando seculos atraz vemos um Povo robusto e valoroso dictando leis ao mundo, recebendo em seus labios o osculo da unção de todos os demais Povos; hoje, recebemos leis de tudo e de todos, sentimo-nos ligados á cauda d'um cavallo lazarento, á corrupção, chicoteados por os párias da infamia, os judeus financeiros.

Acaso terá o Povo culpa d'esta degradação em que nos encontramos?

Sim, o Povo é o primeiro criminoso; enquanto fabrica a polvora que emprega em foguetes do ar, deveria antes com ella fazer cargas para as caçadeiras e com ella caçar esses *maraus* que para ahi parasitam.

Párias! A que baixaza de caracter fostes vós levados de impulso em impulso, como em desordem vertiginosa, que a tudo e a todos tem corrompido?

Que poder e de que auctoridade vos servistes vós para levardes um Povo á borda d'um abysmo insondavel, a não ser que uma revolução insolvente e grandiosa ao mesmo tempo tudo desabe, tudo derrue?

Povo! Desconhecemos-te, chegamos a duvidar que a Historia seja sequer a narração de factos, porque Ourique, Aljubarrota e tantos mais logares vos lançam, a Vós Portuguezes, o labeo de poltrões ou nos levam a crêr que esses factos que demoravam seculos e seculos e formaram uma Epopea grandiosa não passam de farronadas d'um Povo sempre cretino, sempre louco.

De duas uma: ou desmenti a nossa crença ou rasgae a Historia!

E' preferivel fazer dos *Luziadas* um Poema da Humanidade a fazer d'elles papelinhos para cartuchos de foguetes.

Se em vosso peito não ha a coragem para fazerdes uma revolta, ide buscar a cicuta ás margens dos riachos, porque esses lá se vão juntando até entrarem no seio d'esse grande elemento de revolta, o mar.

Se em Portugal não ha Portuguezes, vamos á taberna, embriaguemo-nos e, manietados, entreguemo-nos á

Inglaterra infame ou á Allemanha crapulosa.

Estamos nas delicias de Capua, em breve estaremos na corrupção da Babylonia, e na doçura do Egypto tutelado.

E que nos importa a nós ser um Povo livre e independente?

Provavelmente o mesmo que ao larvado importa ser um assassino poltrão.

Deve importar, sim; não se rasga assim uma Historia como quem rasga um papel sujo e immundo, porque a Historia é não só a narração dos factos, mas sim tambem a critica d'esses mesmos factos, o quadro que, mostrando-nos um passado heroico, nos instiga á lucta, nos lança na gloria.

Rasgar, interromper a norma de vida que essa Historia nos aponta é fazermos da alma uma rodilha, do espirito um nojo, do homem um ser abjecto.

E' isto o que entendemos e é por isso que apregoamos um ideal de justiça e verdade.

Ideal que tem o seu berço na propria existencia do eu, o seu motor na sentimentalidade, a sua ultima morada no infinito da existencia, na perfeição extrema da animalidade.

Como vemos, vem de longe o nosso ideal; é velho nos tempos, tem raizes profundas nos nossos corações; não nos intimidam as arbitrariedades, como aos tempos não intimidam os cataclysmos; somos pelo Povo e para o Povo, como somos dos bancos das escholhas para as barricadas.

O nosso ideal é purissimo, baptisado em sangue, tem a sua corroboração de virtude na Historia, o seu apogeu no futuro, a sua aureola nos corações.

Perfílhada na sua essencia esta pura e santa idéa na India, por Buddha; na Judea, por os Therapeutas e os Essenios; na Grecia, por Lycurgo, Pythagoras, Solon e Platão; em Roma, por os Graccos; Christo deu-lhe a sua sanção eterna, arvorou-a em principio, divinisou-a.

Centenas de gerações hão passado sobre ella, e firme e pura ella ahi se ostenta, desafiando os tempos, chamando á liça dos Cesares.

Quem a quizer encontrar tem simplesmente um trabalho, dirigir-se á mansarda do faminto, á palhoça do desgraçado; a idéa republicana habita ahi, por que d'ella se parte para um futuro melhor, mais longinquo, a justiça e a egualdade.

Hoje os nossos arraiaes são neste combate sem polvora; amanhã co-

brindo o buraco d'uma barricada; depois . . . no meio de todos vós.

«Prégamos, como passo para a felicidade futura, a Republica federativa», dizia um manifesto socialista publicado nesta cidade e redigido por um dos redactores d'este semanario; Gonçalves Cerejeira, o novo bacharel illustrado e o republicano *pur sang*, proclama tambem a federação para a realização plena da sociabilidade humana, que pelo gradual e progressivo desenvolvimento das normas de fraternidade emanadas do instinto ou sentimento altruista, vem, pois, completar o homem individual, integrando-o na constituição harmonica dos diversos órgãos; nós, pelo nosso lado, ancejamos pela sua realização, tanto mais que «a organização federal dos Estados livres da Peninsula Iberica impõe-se irresistivelmente a todos os espiritos sensatos como uma conquista do progresso e uma garantia da nossa liberdade autonómica».

O *Grupo Republicano de Estudos Socias*, que temos a honra de cumprimentar, pela bocca dos srs. drs. João de Menezes, Brito Camacho e Joaquim Madureira, advoga eguaes idéas e o federalismo é tambem o ideal supremo do nosso prestimoso Mestre, o sr. dr. Theophilo Braga.

Antes de socialistas somos federalistas, e antes de federalistas somos republicanos; queremos abrir caminho para a Realização do Bem, e esse caminho só se nos afigura ser a Republica.

Republicanos dentro da monarchia, seremos federalistas dentro da Republica, pugnando ainda por a mais lata extensão da sociabilisação humana na idéa e na pratica.

Não traçamos um programma, esboçamos o nosso modo de sentir e pensar.

E para que traça-lo se elle está melhor gravado no nosso coração?

Do Povo, por o Povo e para o Povo ahi está o paladino; resta reduzir esse campeonato a factos, venha a polvora!

Em outros redactores havia talvez essa *evolução revolucionaria* (como alguém disse) do cerebro alimentado por a timidez, em nós existe o sangue flogoso dos revolucionarios; nelles haveria a intelligencia, em nós existe a vontade; elles escreveriam em frente de pesadas bibliothecas, nós escrevemos em frente d'um bacamarte; elles teriam pennas d'ouro, as nossas são de ferro.

De republicanos o sangue, de socialistas o sentimento!

Escrevemos hoje com a tinta com que amanhã nos será lavrada a sentença, manifestaremos aqui a vitalidade do sangue que amanhã brotará de nossos corpos; assim é que se faz opposição!

Apostolos da idéa, martyres da propaganda!

Disse-o a penna, pague-o o corpo; agora a tinta, logo o sangue!

Que o vermelho do nosso estylo seja o clarão dos nossos tiros!

EXPEDIENTE

Consideramos assignantes os cavalheiros a quem enviamos o presente numero e não nol-o devolverem.

Este semanario nada tem de commum com o antigo «Portugal».

COMEÇANDO

Mais um combatente se levanta, com o entusiasmo da juventude, com a força que lhe dão a razão e o direito, impellido pelo amor da Patria, acalentado pela esperança, para se juntar aos que pelejam pela verdade, aos que luctam para derruir thronos, desmorronar monarchias, emancipar os povos, reclamar e exigir os direitos de todos os cidadãos e restabelecer a moralidade e a justiça.

E eu ao encetar esta empreza tão justa e tão nobre sou obrigado, por um dever de consciencia, a prestar homenagem, primeiro que tudo, a um homem, que hoje é um symbolo, que tem sido victima das mais atrozes perseguições e sae sempre da injustiça, sorrindo para os algozes, e com mais vida e mais coragem para a lucta.

Esse homem é João Chagas.

Desde a *Republica Portuguesa* á Relação do Porto, d'aqui ao 31 de janeiro, do 31 de janeiro ao exilio, do exilio aos *Pamphletos*, dos *Pamphletos* ao *Berro*, do *Berro* á *Marselheza*, João Chagas tem sido um luctador incansavel, com a vontade mais persistente, a intransigencia mais tenaz, hasteando sempre a bandeira da revolta, o facho da revolução redemptora com a coragem de um estoico e a firmeza de um caracter que não verga aos impulsos mais ardilosos.

Tanto basta para que João Chagas seja para nós um symbolo que todos devemos imitar e se assim fizermos veremos a nossa Patria resurgir honrada e livre dos escombros d'este grande povo que infames falsarios collocaram em um abysmo ignominioso.

A'vante pois! luctemos sem treguas até chegarmos á verdadeira civilisação «que é o oceano d'onde emana a riqueza de um povo, e em cujo seio se encontram todos os elementos da vida d'esse povo, todas as forças da sua existencia» como dizia Guizot.

AO EX.º GOVERNADOR CIVIL DO DISTRICTO DE COIMBRA

Já deu V. Ex.ª andamento a um processo-copia que lhe foi enviado por o Quartel General da 2.ª Divisão Militar em Julho ou Agosto do presente anno?

Castiguem-se os culpados e criminosos!

A QUESTÃO DO JOGO

Já um pouco tarde porque não pudémos vir mais cedo, trazemos a campo novamente, a *questão do jogo*, que tanto deu que fallar e onde melhor se retractaram os processos vergonhosos e pouco leaes, com que se costumam encarar as questões publicas no nosso paiz e onde melhor se pôde ajuizar das maneiras velhacas e manhosas uzadas pela maioria da imprensa de todos os partidos, quando pretende fazer o que elles chamão *propaganda*.

Mal constou que da parte de tres estrangeiros fôra feita de maneira a mais tentadora, a prosposta do estabelecimento d'um *casino* proximo de Lisboa, onde com consentimento legal se podesse jogar sem receio e á porta-aberta, veio a palco a imprensa opposicionista, simplesmente por ter de fazer opposição, exhibir uma fraca farça, onde, num fingimento mal fingido e num desespero mal ensaiado de desgraçadas mulheres de *batoteiros*, se clamava contra a legalisação e regularisação d'um vicio, por poder trazer a vergonha e a ruina; não se lembrando que peor do que elle—a prostituição é permittida e regularisada no nosso paiz, esquecendo-se que a loteria, um dos mais descarados e perigosos jogos d'azar, tem a sancção do nosso governo; que nas nossas praias se joga á porta aberta; que nas nossas cidades se fecha ha muito os olhos á *batota* e que sem esta aquellas nada seriam, bem como as nossas thermas, onde de anno a anno cresce o numero de estrangeiros, mais attrahidos pelos jogos dos *casinos* do que pelas propriedades das nossas aguas, ou bellezas attrahentes de nossos sitios; e finalmente fingindo não saber que na França e na Belgica é permittido o *jogo*, sem que se alcunham de *batoteiros* as gentes d'aquellas duas nações, que bem pudémos tomar para nosso exemplo.

Se bem que censuremos, talvez que cruamente, o proceder da maioria da opposição, não só por discordarmos d'elle, mas tambem — e muito principalmente por nos parecer que foi aqui falsa e mentirosa a sua opinião, não podemos deixar tambem de verberar o proceder dos governamentaes, por não querermos crer que sejam francos e conscienciosos aquelles que num automatismo e servilismo nojento batem as palmas a qualquer medida do governo, por muito boa ou muito má que seja, elogiando-a sempre por modos e maneiras que se cazam por completo no fingimento com aquellas que a mór das vezes uza a opposição.

Não é a ambição d'um *osso*, que nos faz fallar. Não é voz mentirosa aquella de que uzamos. Somos francos e não mentimos. Se nos vimos collocar na opposição e se juramos guerrear as instituições vigentes, não é só por querermos o nosso bem estar, não é porque sonhemos com pingues e futuras retribuições, nem tão pouco é a fome ou o despeito que nos faz fallar. E' simples e sómente a voz do direito que a todos cabe, aos que estão lá em cima e aos que vivem em baixo e a vontade do bem-estar dos que ainda soffrem, sem o mal-estar dos que hoje gozam. Mas ha mais.

Não pode a ninguem escapar o proveito bastante grande que pode provir da permissão e regularisação do jogo. Entrará, com elle, todos os annos para os cofres publicos, sobre um pretexto egualmente louvavel, como o da utilização do rendimento da loteria a bem da Mizericórdia de Lisboa; acabará essa vergonha e prova de fraqueza da parte das autoridades, que se vêem forçadas a fechar os olhos á *batota* por não a poderem prohibir, sem que tenham de fechar a concorrência ás nossas praias e ás nossas fhermas, e indirectamente advirá para a riqueza do paiz o que o estrangeiro nos deixar, quando, mais attrahido pelas diversões do que pelas bellezas da nossa terra, vier procura-la cioso de gozar.

Sabemos e muito bem que o jogo é um vicio que pôde trazer consigo muita desgraça e muita vergonha, mas sabemos tambem que elle se pôde regularisar e que se podem refrear os seus exageros, faceis de prever, de modo a torna-lo numa fonte bastante importante da riqueza publica.

Em tudo concordamos com os advogados da legalisação do jogo, e só num ponto, que desejamos seja bem frizado, divergimos por completo. Entendem, se não todos, pelo menos a maioria dos que opinam pela legalisação e regularisação do jogo, que se deve fazer a concessão aos tres estrangeiros que a requereram e nós a todo o transe nos oppomos a que ella se realise.

Não só a não queremos por lhe prevermos os perigos de um monopolio, que se nos apresenta bastante tentadór nos seus termos, como o dos tabacos, que uma das ultimas *Marselhesas* provára ter falhado muito ás suas promessas; não só porque vimos nella uma manifesta e injustificavel desigualdade, permittindo o jogo em Lisboa e prohibido-o nos outros pontos, mas tambem porque justificadamente nos repugna tudo que vá contra a livre concorrência.

Sem o monopolio ou sem a concessão o Estado poderá evitar tudo aquillo cobrando seguramente todos os annos proximamente a mesma quantia prometida nos termos da concessão, contanto que exija ou lance uma contribuição pezada sobre o jogo, que evitará tambem os perigos grandes da sua muita facilitisação e vulgarisação. E não se nos diga que desprezamos aquella tentadora prosposta.

Os concessionarios do Casino de Lisboa nada perdem com isto e antes ganham, porque poderão estabelece-lo pagando menos e sem temerem concorrência porque nos termos em que o promettem não é facil preve-la.

Demais quando a houvesse o proveito seria nosso.

APOSTATOU?

1000 contos

É quanto o governo de Moçambique roubou ao Banco Ultramarino e á administração do caminho de ferro de Lourenço Marques.

Quem mette na cadêa o governo?

Ha dias foram presos em Lisboa 2 menores de 4 e 6 annos por terem roubado um pão de 20 réis.

Foram para a companhia de gatunos e vadios!

8 de outubro

Ha mais de mez e meio que os operarios das obras publicas n'este concelho de Coimbra não recebem os seus magros vencimentos.

Le roi s'amuse!

La faim regne!

Aux armes citoyens!

A policia e o cadete Campos

Foi julgado no mez d'agosto ultimo em conselho de guerra este nosso sympathico condiscipulo, rapaz tão intelligente como dedicado.

O cadete Campos era acusado de nada menos de tres crimes, entre os quaes o de resistencia á auctoridade.

De todas estas accusações, feitas em parte carregada á cabo da *municipal* por a nunca destemida e arrojada policia, simplesmente se apurou que esta fora a criminosa.

O Ex.^{mo} Promotor de Justiça, o snr. capitão Leão, com a intelligencia que o caracteriza e com a independencia que o ennobrece fez a accusação do reu, mas... viu-se obrigado ao historiar o crime a fazer a accusação mas foi da policia.

O criminoso provou-o a accusação, note-se bem, não foi o cadete Campos, mas sim o commissario de policia.

O depoimento do Ferrão contrasta sensível e immediatamente com a parte por elle dada; d'ahi resalta a parcialidade, o acinte do Ferrão para com o cadete Campos; a parte mostra o cadete Campos um criminoso, o depoimento do Ferrão faz reconhecer no cadete Campos a victima d'essa gentalha, a policia de Coimbra.

Depois, os depoimentos dos proprios policias, testemunhas d'accusação bem como o do Ferrão, levam immediatamente á condemnação d'este e sua *cuadrilha*; note-se bem este facto, o Ferrão foi parte e testemunha ao mesmo tempo, faz-nos lembrar o caso d'arrombamento das officinas do nosso presado collega «A Marselhesa» em que a policia foi accusada do arrombamento e investigou quem seriam os criminosos procurando-os fora da *classe*.

Uma testemunha d'accusação extranha á policia, condemnou então aspera e cruelmente o Ferrão, jurou que foi este que ia a vibrar uma bengalada no cadete Campos e que depois o proprio Ferrão accusou o cadete Campos do o haver querido espancar.

Sem commentarios!

O Ex.^{mo} Promotor historiou pois o crime e fez ver quão incorrecto foi o proceder da policia.

Foi uma oração brilhante, cheia d'enthusiasmo, digna da reputação de que gosa o snr. capitão Leão, oração que a todos moveu e mesmo fora do elemento militar e academico foi ella considerada uma das melhores que Sua Excellencia ha feito.

Invocou pois a lei com a proficiencia que o caracteriza e fez notar que o Snr. General Commandante da 2.^a Divisão Militar havia ja mandado enviar copia do processo ao Snr. Governador Civil do Districto de Coimbra afim de este funcionario punir e fazer punir os excessos dos culpados.

Seguiu-se a oração vibrante e sublime do Snr. Defensor officioso, Snr. capitão Borges, que disse que a accusação da policia e a defeza do cadete Campos haviam já sido feitas e por uma forma eloquente, por o Ex.^{mo} Promotor de Justiça e que elle tinha simplesmente a allegar duas cousas — o bom comportamento civil e militar do Snr. Campos e a sua dedicação desinteressada pela auctoridade, pois que o cadete Campos ja expontaneamente ajudara a policia de Coimbra na captura d'um preto, então creado do Ex.^{mo} Juiz d'esta comarca, serviço que a policia não soubera nem podera fazer.

Disse tambem que Sua Ex.^a o Snr. Juiz Auditor ao formular os quesitos reconheceria a innocencia do cadete Campos e que elle se envergonharia como homem e como militar se visse o cadete Campos condemnado.

Não fazemos considerandos a respeito da decisão do jury, dizemos simplesmente que foi nobre e altiva como o é sempre o nosso Exercito e que o contrario revoltaria a sua propria consciencia.

Quanto ao proceder do Snr. Governador Civil d'este Districto estamos certos que será correcto e justo e porisso aguardamos os factos que, para bem do nome e prestigio do Snr. Governador Civil, se não devem fazer esperar, visto ja não virem cedo e espontaneamente.

Ao Exercito offendido pela policia que arrancou o galão e botões da fardeta do cadete Campos pedimos que ergam a sua voz junto do Snr. Ministro da Guerra!

Á Academia Portugueza que pugne pelos seus brios tantas vezes offendidos pela policia.

Ao Conselho de Guerra permanente da 2.^a Divisão Militar pedimos que faça respeitar as suas decisões!

Ao Snr. General Commandante da 2.^a Divisão Militar não pedimos nada porque confiamos em que o Snr. Sepulveda não deixará ter em menos conta as suas reclamações!

Ao Snr. Governador Civil do Districto de Coimbra pedimos que para sua dignidade e para respeito do principio d'auctoridade castigue os culpados!

N. B. — O 69 estava na desordem; este policia tem o dom da ubiquidade.

APOSTATOU?

Dependo

«Está entre a vida e a morte a mais e a mais promettedora das nossas possessões ultramarinas».

«Tempo» do dia 1 do corrente.

O Snr. Dias Ferreira depõe em sua defeza na liquidação d'um regimen.

TRISTE

«Os diplomas de caracter constitucional promulgados em 1895 e 1896, a legislação eleitoral que se relaciona com elles' conjugados com a legislação administrativa do mesmo tempo, representam um violento retrocesso politico, que é necessario corrigir, fazendo voltar a constituição ao ponto em que estava e garantindo-a».

(Sr. Dr. José F. Laranjo, *Principios de Direito Politico*, pag. 387).

Desceu isto da cathedra da Universidade de Coimbra para as bancadas humildes dos homens d'amanhã.

Se soubessemos a que ponto o partido progressista levava o cumulo da imprudencia, teriamos rasgado esta pagina, levando de companhia outras, e teriamos dito ao Paiz que a esterqueira regeneradora ia ser levada á putrefacção por esse bando que para ali existe.

Triste! Sim; é triste, tristissimo mesmo que a intelligencia se veja assim rojada num servilismo provocador junto d'umas lamas do Nyassa, d'umas libras em ouro.

É triste que sendo «necessario corrigir» o «violento retrocesso» que os diplomas de 1895 e 1896 representam, o homem que assim o julgou seja arrastado nessas malhas retrogradadas, lhe dê o seu apoio tacito, applique e respeite esses diplomas, os consinta.

É triste que um espirito franco e nobre como o do snr. Dr. Laranjo se veja assim calcado por elle proprio com as suas affirmações nas Camaras, com a apostasia do que ensinou na Universidade.

É tristissimo que desde a Universidade nos ensinem a ser patifes, a ser menos dignos.

Os diplomas de 1895 e 1896 promulgados com força constitucional denotam uma retrogradação nacional que é preciso corrigir porque assim nol-o impõe o nosso espirito, assim nol-o exige uma civilisação; foi isto o que um homem cheio de conhecimentos nos disse, mas esses diplomas ali estão, porque rasgal-os é só quando esses homens que *governam* o Paiz e o disseram das cathedras tiverem a consciencia da nossa fraquesa para nos chibatarem com outros diplomas mais miseraveis, mais infames, por exemplo: a lei da imprensa dos snrs. progressistas.

A legislação eleitoral de 28 de março de 1895 e 21 de maio de 1896 são um retrocesso politico, são lama que enoja quando se manduca o pão negro (para os filhos dos Passos) da opposição, mas lama que deleita quando com ella se fica salpicado com ouro do Nyassa ou uma pasta de ministro.

É necessario corrigir esse retrocesso politico encetado por um decreto dictatorial com data de 25 de setembro de 1895 temendo a fouce dos descontentes, essa reacção e modificações da constituição a que «o incremento do partido republicano em Portugal levou o ministerio Hintze-Franco, que subiu ao poder em 1 de fevereiro de 1893».

É necessario corrigir tudo isto mas... a guarda municipal está com um effectivo immenso emquanto o exercito está licenciado, as baionetas do exercito estão quebradas por as patas dos cavallos da municipal.

Resta-me dizer-lhes porque o exercito está licenciado; é para termos bons officiaes, pois que elles commandam e exercitam-se com soldados de papel para saberem «*metter em linha*» na ponta das espadas o ventre bojudo dos snrs. ministros.

Com que cara hade ouvir o snr. Dr. Frederico Laranjo dizer o que elle disse do alto da cathedra?

O snr. Dr. Frederico Laranjo teve já o bom senso de não assistir aos actos para que lhe não córassem as faces ao ouvir condemnar a obra do ministerio Hintze-Franco, obra que os snrs. progressistas condemnaram na opposição e completaram banhados na repellente apostasia e na nojenta adoração do ouro, ainda quando mergulhado na inconstancia de caracter, no desrespeito da palavra doutoral.

Um Alpoim, o apregoador da sua honradez e inconcussão no *Primeiro de Janeiro*, na expectativa d'uma pasta minis-

terial, rasga uma folha corrida e lança-se na apostasia com um cynismo revoltante, renegando um passado e afunda-se n'essa lama infamante de que elle dizia nem querer ser salpicado.

Afundam-se os homens e com elles arrastam um regimen, o que é o menos, e enterram um Paiz, o que é eterna vergonha.

Veiga Beirão renegou um passado com esse cynismo revoltante com que na «Associação dos Advogados de Lisboa» fazia afirmações liberaes e criticava acerbamente Ayres de Gouvêa, Franco e C.^a, dizendo-se «alguem que tem sempre defendido a liberdade de imprensa» e que hoje se deve antes dizer «alguem que reclama uma mordaza bem efficaz para a imprensa»; revela-se-nos um cynico e um fraco, porque tem medo de evidenciar a sua apostasia, precedendo-a d'umas «instrucções para os agentes do ministerio publico» sobre liberdade de imprensa, publicadas, salvo erro, no *Diario do Governo*, n.º 34, de 13 de fevereiro de 1897; cumulo d'impudencia, requinte do farrantismo.

É triste, horrivel, infame o papel que estamos representando perante a Europa civilisada, deante dos olhos do mundo culto; ha uma colligação liberal, mistura hybrida de progressistas e republicanos e o snr. Beirão lá vae de bordão e gravata vermelha peregrinar, insultando homens, vexando o rei.

Passa a ter a faca e o queijo na mão e depois... tremam os nunes que o nariz vae mostrar a sua força e lá vae em romariã com esse que guerreou, como rei.

Depois é ver até como a gente se acostumou a dizer o rei, homem que não tem nome, como se acostumou a dizer o Faz Fôrmas, o Chitô-Chitô, o Rosalino Candido, etc.

É anonymo o chefe como o são os engraxa-botas; má cabeça, pessimo tronco. Dirijamo-nos a El-Rei:

Senhor!

Disseram-me que Vós nascestes para a placidez e que tendes tido uma horrivel estada neste mundo, vida d'angustias e tormentos?! Não o creio. Vós herdastes o genio pachorrento e o espirito culto do Vosso respeitavel 3.º Avô, o snr. D. João VI, e não podeis portanto ser menos feliz do que Elle.

Se o Vosso beato 3.º Avô teve em Portugal a miseria geral, a superintendencia do estrangeiro nos negocios do Reino e a Côrte degradada, Vós não tendes a chorar a ausencia de qualquer d'essas cousas; Vós sabeis que a fome levou os Vossos subditos a comer bolota na ponta das baionetas, que o estrangeiro, como Vós sois, é o senhor d'este «jardim á beiramar plantado» e que a Vossa côrte deixou de ser ahí nessa formosa Lisboa, que se transferiu para o lado da Vossa Senhora e Ama, a Snr. D. Victoria de vental e box.

Se o Vosso 3.º avô afogou em sangue uma conspiração e teve de arrostar com as exigencias d'um Povo integro, nobre e generoso, Vós quantas conspirações não tendes conhecido, tramadas por esses, hoje, Vossos serventuarios, bandeando-se com os republicanos?; não afogastes tambem em sangue um grito d'alma que uma cidade, baluarte da liberdade e honra dos Vossos torrões, soube soltar?

Ha uma differença apenas...: a lei das rolhas não a deixa dizer.

Senhor, correi esses maraus a pontapé se não quereis que o Povo pegue n'um chicote e varra a feira a eito e sem ver.

Deus guarde Vossa Magestade longe de Portugal e perto do inferno, Covas de Cafarnaum, 5 do mez dos caloiros de 1897.

Um portuguez.

APOSTATOU?

Incrível

A policia do Porto ainda não entregou as malas ao preso Antonio dos Santos Callado, a celebre victima das alfinetadas dadas pela policia do Veiga.

Não diremos que isto é infame, porque no meio infame em que vivemos isto é natural,

A nação, a monarchia e o Bakoko

Bem vemos que é um acto de irreverencia juntar a Nação a estas duas coisas.

Mas, não podemos furtar-nos a fazel-o para demonstrar como a nação se acha manietada a estas duas coisas, bem contra sua vontade.

Porque, positivamente, Bakoko, não passa de uma coisa, isto é, um pouco de materia bruta, inerte, sem vida e mó-vida, qual fanteche, por esta outra coisa, a monarchia, estrumeira onde só parisi-tam vermés venenosos, que lhe serve de mola para o fazer descer ou subir ao poder, segundo as conveniencias de um bando de ambiciosos ladrões.

Isto é que é a verdade.
A nação nada tem de commum com a monarchia e muito menos com Bakoko.

Aquella é a patria de um povo de heroes, raça nobre e altiva, honra e gloria dos seus primeiros e que hoje sinte-tisa, pelo seu afam de reconquistar as glorias passadas, a esperanza do futuro prospero e feliz na futura Republica.

Estes, a monarchia, um principio anti-social e absurdo, pernicioso e nefasto que em lugar de nos fazer entrar na santa cruzada da civilisação, nos conduz, em retrocesso, aos tempos barbaros do roubo e do assassinato; o bakoko, a viora traiçoeira que se acoberta nos frondosos laços da *Republica*, symbolo da Liberdade, Igualdade, Fraternidade, Justiça e Amor, para d'ahi, impunemente, nos envenenar com a sua peçonhenta e mortifera baba que só o contra-veneno do seu sangue sarará.

No poder, não faz o que quer, deseja ou sabe. Executa a vontade do rei a quem serve, depois de vilmente o insultar, cumpre o que os seus collegas lhes ordenam, e nada faz porque nada sabe e nada sabe porque não tem intellecto e porque assim é conveniente á monarchia a sua profunda estupidez para ser o testa de ferro nos actos de rapinagem que ahí se commettem.

Postas estas considerações com o desassombro que o actual momento critico que atravessamos nos impõe, nós vemos uma só soluçào para tão grande mal.

Essa soluçào simples, rapida e energica, resume-se em pouco.

Uma nação precisa sempre de um regimen que a levante da lama, onde os prostituidos e devassos a lançaram, e que a colloque e conduza ao ponto de grandesa a que tem incontestavel jus e mais precisa de homens de caracter e talento para bem a dirigir nos seus arroubos de engrandecimento.

Anthero disse:
«O caracter é metade do talento»; e nos homens da monarchia, sobretudo bakoko, nem caracter, nem talento.

D'ahi a necessidade de salvar a nação, acabar com a monarchia e saldard contas com todos os Bakokos.

Porto, X — 97.

APOSTATOU?

Até nos urinoes

Vimos ha dias em um dos decentes urinoes que exornam esta cidade a seguinte congratulaçào.

«Felicito a Camara Municipal d'esta cidade, pelo estado de asseio e limpeza em que conserva o seu urinol.»

Rei

Só lhe falta «Como Portuguez e como Monarcha».

Quanto ao resto achamos bem!

Significativo

Durante o corrente anno foram abertas no Porto 36 fallencias e homologadas 31 concordatas.

Na Bakokolandia não se admira isto!

O Seculo

Foi pintar macacos este jornal que foi republicano.

D'aqui a pouco... será tarde...

Preguemos insurreição, arreiguemos convicções, excitemos animos; não temamos perseguições:—a imprensa é baluarte inexpugnável,

Não percamos tempo em palavrorios inuleis, em bombasticas e vistosas phrases de rethorica.

A situação actual—visivel e palpavel—não admite delongas—exige franqueza.

É a obra d'um regimen que se afunda em lama e desaparece em lodo— a monarchia.

Urge pôr termo a este estado de cousas.

Caminhando sobre um precipicio, a nação, não se arredará d'esse perigo: ou vem a Republica, o anjo salvador, ou resvalará para o abysmo!

É lá em baixo, nesse antro horrivel, esperamos, de dente afiado e mãos lestars, os nossos *fieis aliados*...

É pois um momento solemne— o actual.

Consentir por mais tempo a ladroeira de que somos victimas, e victimas innocentes— é ser cúmplice.

Chamemos o povo; mostremos-lhe a situação— tal como está: clara e perigosa.

Quando a Soberania Nacional está detida, a revolução é um direito e um dever, como disse Zorrilla.

Eis porque a Republica em Portugal hade ser obra d'uma revolução.

Venha, portanto, um 10 *fructidor*, venha um 21 *pluviose*, venha um 4 *vendimiaire*, e como os revolucionarios de Paris, cantemos:

«ça ira! ça ira! ça ira! les traitres á la lanterne!»

Abafam a voz da imprensa, estrangulam a liberdade, opprimem o pensamento, dissolvem á espadeirada, assaltam domicilios?!

Embora.

A historia brilhante do partido republicano portuguez tem por prologo a revolução do Porto.

Abortou.

Atraçõaram-nos.

Façamos outra, sem demoras, sem hesitações, sem receio: sacrificuemos tudo mas salve-se a patria.

Olhemos o seu passado: heroicidades, glorias! vejamos o presente: infamias podridão!

Calculemos o futuro: ruina e kedivato!

Serve-nos?

Não.

Que nos serve pois?

A Republica.

Façamol-a.

D'aqui a pouco será tarde, o tempo será o crisol da indiferença!

.....
E esta patria— que é só nossa— resplandecerá alfim apoz setenta annos de infamias e de ignominias!

E os nossos nomes ficarão eternamente gravados na historia d'um povo, como estrophes brilhantes em um poema d'oiro!

L. Guimarães.

APOSTATOU?

CARTA DO PORTO

Caros leitores, é sempre espinhosa a missào de escarpelar, criticar ou simplesmente noticiar factos occorridos no percurso de uma semana e muito principalmente para um periodico com certa consideração social e que pesa a fundo, pela opinião dos seus proficientes redactores, na balança da consciencia publica.

Eu não venho preencher uma lacuna que a falta de alguem mais competente deixou em aberto. Não.

Venho, sómente satisfazer ao pedido, com que me quizeram honrar, alguns dos meus amigos e companheiros de estudo, talentos preveligiados, que ora dirigem este jornal.

Bem sabem elles, quão insufficientes são os meus recursos jornalisticos para não vir eu, deslustrar, manchar tão escla-

recida redacção, mas farei por suprir essa insufficiencia pela grande e boa vontade que tenho de ser agradavel aos meus caros amigos e correligionarios.

Posto isto com que os leitores nada tem e a quem eu peço a maior benevolencia para as minhas mal alinhavadas cartas, vou principiar.

A crise

Augmenta espantosamente de dia para dia o numero de fallencias abertas já pelo Banco de Portugal, já pelo Banco Commercial.

A crise porque o Porto atravessa é sem igual desde remotos tempos. A difficuldade das transações torna tão impossivel o alargamento do commercio que os commerciantes se veem na necessidade absoluta de saccar contra os seus correspondentes da provincia antes do praso marcado, de que resulta as acções e ar-restos contra negociantes, ainda os mais honrados e acreditados na praça do Porto.

E como estes tem a seu favor a lei, não pagam e o commerciante d'aqui, vê-se forçado a fechar as suas portas, isto quando algum dos bancos acima não manda guardar o estabelecimento e seu proprietario pela policia, na persuasão de uma fuga.

Todavia o governo nada tem feito para debelar esta tremenda crise que pôde e hade ser o que fatalmente o conduz a morte.

O congresso

Não lhes falarei d'elle, porque ahí melhor que nós, sabem como se passou, no meio da mais completa harmonia e sem a mais pequena dissençação como alguem se lembrou de aventar. Nisso se mostrou quanto era desejada a eleição do novo directorio e como elle foi bem recebido por todo o paiz attenta a bellissima escolha e bom censo que presidiu a essa eleição. Os homens que hoje constituem o novo directorio são de tanta esperanza e ha nelles tanta confiança na sinceridade dos seus atos e das suas crenças que todos lhes damos o mais franco apoio.

Aqui, no Porto donde ha alguns membros de subido valor, foi bem recebido.

Jocle.

Alves Correia e Luiz Judicibus

Este senhor foi querelado por aquelle nosso correligionario por causa d'uns artigos publicados no quasi ex-diario official da Rua Formosa.

Não julgamos serio o proceder do Snr. Alves Correia, como é miseravel o procedimento do socialista expulso.

O Silva Graça e o Luiz Judicibus são dignos um do outro.

APOSTATOU?

Diz-se que um *republicano muito dedicado*, estudante de Direito, rapaz intelligente e trabalhador e devéras sympathico, antevendo um futuro risonho e feliz na apostasia das ideas republicanas, passou o tempo de férias na redacção do *Correio da Noite*, jornal que tanto tem guerreado o partido republicano, deixando insultar os seus correligionarios, simplesmente porque com elle está um lente d'esta Universidade, deputado e indigitado ministro.

Não o queremos crer porque o não devemos acreditar, julgamos até que seja engano da pessoa que nos informou e que o viu na redacção.

Este rapaz, nosso contemporaneo e amigo, tem, parece ter, uma alma lim-pida e sã e não cremos que leve por deante o caminho que encetou.

Fazendo as suas declarações republicanas no nosso prezado collega d'esta terra *Defensor do Povo*, collaborando senão redigindo, a *Voz do Porvir*, elle terá de renegar um passado sem mancha para entrar nessa cafla miseravel e horrorosa a que chamam o partido monarchico.

Não avançamos hoje mais, esperamos que o nosso collega nos desminta.

ATHENAS

LARGO DA SOTTA

EDIFICIO DO HOTEL MONDEGO

Casa illuminada a **Gaz Acetyleno** que tem 20 vezes o poder illuminante do gaz ordinario e pela suavidade baptisado em França **Lumiere de Velours**.

Café montado com conforto e luxo, bilhares artisticos com a celebre tabella americana **Souveraine**, tacos e accessorios Saint Martin de 1.^a ordem. Tudo novidade em Coimbra.

Vinhos e bebidas de todos os generos e qualidades. 1.^a escolha.

Restaurante com serviço por lista a toda a hora. Execução por encomendas de refeições. Comida por mez, ajuste especial.

COSINHEIRO DE LISBOA

ANTIGA DROGARIA AREOSA

JOSE' FIGUEIREDO & C.^a

23 - MONTARROIO - 33

COIMBRA

Deposito da sociedade de perfumarias hygienicas e antisepticas de Bordeaux, das do Dr. Bousset, e da Empreza das Aguas Minero-Medicinaes de Entre-os-Rios.

Artigos para Photographia. Chapas allemãs, francezas e inglezas. Cartões, papel preparado e mais productos proprios para a photographia.

Fornecimentos para Pharmacia. Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas das melhores procedencias. Perfumarias de diferentes qualidades.

Cimentos inglezes, de diferentes marcas garantidas.

Sulfato de Cobre para as vinhas, garantido a 99 %.

Preços resumidos. Vendas por junto e a retalho.

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

VIUVA A. DE PAULA E SILVA

2 - RUA DO INFANTE D. AUGUSTO - 4

COIMBRA

Nesta já conhecida *agencia*, fundada em 1893, tratam-se quaesquer negocios dependentes da Universidade, incumbindo-se tambem de obter *cartas de doutor, de licenciado, de bacharel, de formatura, de pharmaceutico*, etc.

DEPOSITO DE BANDEIRAS

E DE

Todos os artigos para ornamentações de festejos

SERIO VEIGA

66, RUA DA SOPHIA, 68 - COIMBRA

Neste deposito, o primeiro no seu genero nesta cidade, encontra-se para alugar um variado sortimento de bandeiras de diferentes tamanhos e gostos, assim como: arcos, columnas, pedestaes, postes, estatuas em tamanho natural, vasos, escudetes, escudos, floreas, lanternas de vidro branco e de outras cores, balões venezianos, balões á crivas, balões de movimento, etc.

TABACARIA ACADEMICA

JOAQUIM DA SILVA NEVES

13 - RUA DO INFANTE D. AUGUSTO - 15

COIMBRA

Nova agencia de negocios universitarios

Centro de assignaturas - Loteria e papelaria

TYPOGRAPHIA OPERARIA

LARGO DA FREIRIA, 14 - COIMBRA

PROPRIETARIO - PEDRO CARDOSO

Satisfaz-se com brevidade todo o trabalho typographico, executando-se com o maior cuidado e esmero, havendo para isso magnifico material nacional e estrangeiro.

Especialidade em facturas, addresses, enveloppes, timbres, memorandums, diplomas, bilhetes de visita, rotulos para pharmacia, etc.

Tambem se fazem cartazes e programmas para theatros, jornaes politicos e litterarios, publicações de grande formato, etc.

Para fóra de Coimbra remetem-se encomendas francas de porte.

PHARMACIA DO CASTELLO

Premiada em varias exposições

FUNDADA EM 1859

Neste estabelecimento, permanentemente dirigido por pessoa habilitada, encontra o publico o mais completo sortido de productos chimicos e pharmaceuticos, instrumentos cirurgicos, artigos de penso, algalias, mamadeiras, seringas de todos os systemas e applicações, meias elasticas, irrigadores de Esmarch, Eguisier, etc., etc., stetoscopios, pulverisadores, forceps, aguas mineraes nacionaes e estrangeiras, etc.

Tomam-se quaesquer encomendas de França ou Allemanha mediante pequena commissão.

Aviam-se formulas homeopathicas.

CAMILLO & COSTA

Largo do Castello - COIMBRA

Julião A. d'Almeida & C.^a

20 - Rua do Sargento-Mór - 24

COIMBRA

Neste antigo estabelecimento cobrem-se guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem teem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

Receberam ultimamente um sortido de sarja de seda de variadas cores, para guarda-soes e sombrinhas de senhoras. O que ha de mais *chic*.

ANTONIO AMBROSIO

6, Adro de Cima (a S. Bartholomeu), 7

COIMBRA

Bandeiras para cordas e paus, de diferentes tamanhos; ditas com galhardetes e outros ornatos, tambem de diferentes tamanhos.

Grande variedade de balões venezianos, copos de côr, lanternas e escudos, que tudo aluga por preços commodos.

Este estabelecimento, o mais antigo neste genero, foi o que forneceu a ornamentação para os festejos de Camões.

ADVOGADO

Frederico Guilherme N. de Carvalho

RUA DA SOPHIA, 56

COIMBRA

BALÕES AEROSTATOS

Fabricam-se de diferentes gostos, com lindas e variadissimas cores, para fazer subir em arraiaes, medindo de 0^m,90 até 6^m,0, regulando os seus preços de 40 a 600 réis.

SERIO VEIGA - Sophia - Coimbra

Unico estabelecimento em Coimbra

NO GENERO

43 - RUA DA SOPHIA - 45

Pianos, bicycletes, machinas de costura, artigos electricos, etc., etc.

Vendas a prompto pagamento e a prestações.

Correspondente de emigração para todos os estados da Republica do Brazil. Passagens gratuitas.

A. S. DE CARVALHO

COPIOGRAPHOS

Para reproducções de manuscritos, circulares, avisos, preços correntes, sentas, et., etc.

Garante-se 50 copias.

SERIO VEIGA - Sophia - Coimbra

EDUARDO VIEIRA

ADVOGADO E TABELLIÃO

Rua da Sophia, 53

COIMBRA

ENCADERNADOR

ALBERTO VIANNA

LARGO DA SÉ VELHA

COIMBRA

BARBEARIA

JOSE' COIMBRA

Rua do Infante D. Augusto

COIMBRA

F. Fernandes Costa

E

ANTONIO THOMÉ

ADVOGADOS

Rua do Visconde da Luz

COIMBRA

CONSULTORIO MEDICO

JOÃO DOS SANTOS JACOB

COIMBRA

Rua de Ferreira Borges

ENCADERNADOR

AUGUSTO COSTA

COIMBRA

Rua do Infante D. Augusto

BORGES D'OLIVEIRA

ADVOGADO

RUA DO VISCONDE DA LUZ

COIMBRA

Branco e Negro

Semanario illustrado

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente), por trez mezes - Portugal e ilhas adjacentes, 550 réis - Africa Portugueza, 650 réis - Estrangeiro (paizes da União Postal), 4 francos - Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania, 17050 réis.

NUMERO AVULSO 40 REIS

A propriedade d'este jornal é da Livraria e casa editora Antonio Maria Pereira, de Liaboa.

Redacção e Administração - Rua Augusta, 47, 2.^o andar.

PIERRE DECOURCELLE

OS DOIS GAROTOS

Grande e sensacional romance em publicação, ornado com 200 gravuras 120 réis cada fasciculo de 6 folhas e 6 gravuras, franco de porte!

Pedidos á Antiga Casa Bertrand - José Bastos, editor - Rua Garret, 75 - LISBOA.

EDITOR

JOSÉ MARIA DOS SANTOS NAZARETH

Typographia Operaria - Coimbra



1.º ANNO	NUMERO	2	Domingo	ASSIGNATURA	ANNUNCIOS
			14 de novembro de 1897	Trimestre (12 numeros) 350 réis Semestre (24 numeros) 650 »	Linha 20 réis Imposto do sello 10 »

OS NOVOS SALVADORES

Tem-se falado ultimamente na fundação de um novo partido político por iniciativa dos srs. Bernardino Machado e Fuschini.

Não sabemos o que ha de verdade acerca d'isto, pois que esta noticia nos foi transmittida por dois jornaes hespanhoes, assim á maneira de contrabando.

Mas que utilidades podem resultar ao povo portuguez da formação de tal partido?

E' isto o que convem averiguar e o que urge esclarecer, porque o estado moral e financeiro de Portugal, actualmente, não admittie situações dubias.

O sr. Fuschini já por vezes teve occasião de mostrar as suas aptidões e vontade de bem servir a nação, com tudo nada mais nos apresentou que um livro de *Liquidações*, onde resaltam apenas pessoalismos.

O sr. Bernardino Machado, que regeu a pasta das Obras Publicas no mesmo gabinete a que pertencia o sr. Fuschini, dizem que subiu ao poder animado das melhores intenções e que um dos seus primeiros actos foi pretender restabelecer a moralidade e a justiça, mas afinal nada fez, nem, tão pouco, nos disse as razões, porque assim obrou.

Ora, é a estes homens que se hão de entregar os destinos de um povo que desceu á mais baixa das ignomias, que se enervou, que perdeu a allivez e dignidade que o caracterisavam? Não, por certo.

O povo portuguez precisa um baptismo que o purifique, um novo sol que o agite, que lhe dê vida; precisa do fogo sagrado da insurreição para destruir os miasmas que teem infectado os poderes publicos; precisa de quem o dirija economicamente e de quem restabeleça as liberdades a que todos nós temos direito.

Quem já se refocilou no immundo constitucionalismo portuguez não pode dar-nos moralidade e justiça, sem que primeiro nos prove que as suas intenções tinham sido puras, que os seus caracteres são limpidos.

A situação de Portugal é clara e não admittie hesitações: ou temos de desmorronar todas as causas da nossa ruina, ou morrer vergonhosamente, como uns cobardes, sem um arranco de revolta, sem um grito de protesto que indique que neste canto da Europa ainda ha quem tenha brio em ser honrado, em ser digno, em ser portuguez.

E, quanto a estes manhosos partidos *nacionaes* e *reformistas*, nada de crer nelles e principalmene quando nos mandam os seus projectos por Hespanha, assim á maneira de contrabando.

REVOLUÇÃO!

«Se o governo se desmascara e faz qualquer contracto em que seja objecto Lourenço Marques ha uma revolução.»

Dizia isto ha dias um cavalheiro já de idade e que conhece o mundo e a politica; ouvimos-o com interesse e soube inspirar-nos doce sympathia; é monarchico o homem, é porem pura a sua alma, coisa rara nos tempos que vão correndo.

Ha portanto no animo de todos um espirito de revolta, um mal-estar que se explica pelo cheiro a polvora a estragar-se com a acção do tempo.

Ha em todos um fremito d'indignação, uns punhos cerrados contra o existente, como cousa que se sente ruir nos espaços levando, ou por outra, tentando levar consigo uma Patria, um Povo.

Quando os ares estão turvos e brumosos, com um nevoeiro um tanto ou quanto cerrado, os olhares consultam-se, as almas fallam-se, combinam-se em segredo e parece dizerem este turbo dos ares é o aspecto da nossa politica; este brumoso do tempo é a Mãe Patria que tanto nos tem acalentado que nos implora que a livremos dos filhos ingratos, do estrangeiro vampiro, que a suga, que lhe rouba as forças, a vida; o nevoeiro que nos separa d'aquelle campo é a nevoa do fumo da polvora d'ambos os arraiaes em que aquelles se battem na defeza d'um edificio pôdre e carcomido, em que os bichos sabem aos militares quando se lhe meche, defeza d'um traço de pão roubado, defeza de mastim com unhas e dentes, aproximam-se de nós com a garra adunca d'algun animal a quem querem tirar a presa, com os dentes rangendo, como lobo que vê fugir-lhe o cordeiro chamado pelo pastor vigilante, que não dorme senão quando sente o respirar socegado do animal que guarda.

Aqui ha a lucta desesperada d'um filho que ve a Mãe a ser maltratada, roubada, escarnecida, vilipendiada por o estrangeiro perjuro, por o filho maldito; é a lucta do homem contra a fera, lucta de destruição, lucta heroica.

Respira-se um ar pesado, um policia parece-nos um assassino, um municipal parece-nos um salteador.

Vê-se a cadêa com presos que roubaram um pão, os palacetes com ladrões que roubaram uma fornada.

Ouve-se gritar alerta! e a gente procura o revolver, não porque o exercito nos assuste, mas porque o grito d'alerta! nos lembra um dever.

Bradam ás armas! e a gente vae ver se nos roubaram o bacamarte que estava detraz da porta, por causa de não ser roubada pela policia, pelos ministros.

Um barulho menos vulgar nas ruas parece-nos o erguer d'uma barricada, um homem que caminha depressa parece-nos um perseguido.

Uma carroça que passa parece-nos uma carrêta d'artilheria, o descarregar um carro de ferro na loja do visinho parece-nos uma descarga cerrada.

Teme-se não se sabe o que, nem a quem, o Commissario de policia parece-nos o chefe d'uma quadrilha de malfeitores, o carcereiro parece-nos um algoz.

Estamos certamente perto de qualquer acontecimento extranho que tingirá de sangue as margens do Tejo, que cobrirá de crepes muitas frentes.

Alerta!

Cá estamos alerta; antes o não estivessemos e dormissemos o somno junto dos martyres da Alvorada Santa em que uma cidade ergueu o grito de Independencia e liberdade.

Entre os papeis, *Biblia do Futuro*, perdidos na minha gaveta d'estudo, encontrei isto:

QUANDO?

I

O som de mil clarins hade cortar o espaço
Em gritos de pavor e n'uma furia brutal
As armas! — bradarão herculeos peitos d'aço,
— E o Povo surgirá, terrível, para a Lucta!

II

Depois hade soar a hora do Resgate
Em canticos d'Amor e em rajadas de Luz:
A Paz dominará as iras do Combate
... E o Homem será meigo e bom como Jesus!

Não quero pensar mais, a noite vae adeantada e os clarins não soam ainda, que tristeza, tudo dorme!

Quando soarão os clarins?

Quando se ouvirá o pan, pan das espingardas?

Breve, muito breve talvez!

Breve, muito breve talvez! bradou tambem o echo do meu quarto, a ultima fibra do meu coração.

Hoje? amanhã? quando?

Uma hora perdida é mais uma responsabilidade no futuro.

A'cerca do partido Reformista

O Sr. Fuschini expediu a seguinte circular a diferentes cavalheiros, afim de estudarem a nossa situação actual.

«Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. — Sendo opportuno e urgente discutir assumptos de ordem politica e financeira, que interessam o paiz, e prevenir eventualidades, que poderão ao mesmo tempo ferir a honra nacional e os legitimos interesses dos cidadãos portuguezes, temos a honra de convidar v. ex.^a para a reunião que deve realisar-se nas salas da Liga Liberal na proxima quarta-feira, 10 do corrente ás 6 horas da noite.

Instamos com v. ex.^a, como nosso consocio, pela sua comparencia, podendo v. ex.^a fazer-se acompanhar por qualquer pessoa da sua confiança, ou intimidade.

Na avaliação dos graves problemas, que pendem sobre o paiz, exigindo rapidas e complexas resoluções, o concurso de todas as vontades sinceras tem incalculavel valor.»

Am.^{os} obrig.^{os} con.^{os}

Augusto Fuschini

Lisboa 6 de novembro de 1897 —
Rua de Santa Justa, 82, 1.º

Este partido diz que:

«São urgentes grandes reformas para a salvação nacional; essas reformas reclamam do Estado uma administração exemplar, e é necessario fazel-as, seja como fôr; ainda que se tenha de começar pela reforma das instituições.»

Ainda a proposito de Lourenço Marques:

«O exercito portuguez, consentindo sem protesto na venda de Lourenço Marques, deshonorar-se-ha; passará a ser uma corporação, desprezível pela sua cobardia, e odiosa pelo seu egoismo.»

GRECIA E PORTUGAL

Nas folhas immutaveis do livro negro do Destino apparecem agora, em caracteres indeleveis, os nomes de duas nações analogas; Grecia e Portugal.

Apparecem... e quem sabe! se nesta paridade que me faz pensar ha o quer que seja de fatal?!

Quem sabe!

Pois eu lembro-me que a Grecia, a fonte inspiradora de todas as sciencias, a patria de Ancreonte e de Sophocles, de Demosthenes e de Heródoto, de Zeuxis e de Callicrates, de Phidias, de Socrates e de Hippocrates, — geme sob a odiosa tutela estrangeira!!

E eu lembro-me da completa analogia que ha entre a Grecia e Portugal!...

Não sou supersticioso, mas lembro-me que na nossa historia, temos, como na d'elles, o seu Homéro — Camões, a sua Iliada — Luziadas, o seu Alexandre — Viriato, o seu Hercules — Adamastor; temos os seus persas, spartanos e romanos; temos tambem o flagello da nobreza, temos as leis de Dracon; temos, tambem como elles, Marathona e Thermopylas, Salamina e Syracuse; temos tambem os periodos auros de glorias e grandezas, temos tambem os periodos tristes de lagrimos e de desgraças; enloiramos como elles a fronte activa de nossos irmãos e como elles tambem choramos com pezar a perda de nossos filhos!

Temos heroes e traidores, temos vencedores e vencidos!

Supportamos como elles um despotismo feroz, e rejeitamos como elles qualquer paz humilhante; respeitaram a nossa armada e temeram o nosso exercito.

E eu lembro-me que a Grecia, como menor que precisa de tutor, ou como demente que precisa de administrador, é governada por estranhos!

E eu lembro-me que não temos dinheiro, nem temos credito; temos em compensação uma divida enorme, e a nossa honra no estrangeiro é coisa morta!

Teremos, para completar a analogia, a administração estrangeira?

Não sei.

Só sei que a Grecia, nossa homogenea, é governada por estranhos.

E o seu passado glorioso terminou, a sua historia brilhante acaba!

E nós, para seguir a rotina do povo hellenico, esperamos por a administração estrangeira, — a ignominia mais affrontosa que se pode infligir a um povo!

E se isso se der, se consentirem que a monarchia nos arraste a essa vergonha duvidemos da descendencia d'este povo — porque é escarrar na face immaculada dos nossos antepassados, é rasgar a nossa historia gloriosa!

...Não vejamos a affronta; façamos como disse João de Menezes: peguemos fogo ao paiol e morramos com elle!...

Lopes Guimarães

Confronto

O deficit augmentou de 1896 para 1897 a pequenissima quantia de **5:476 contos, cinco mil quatrocentos e setenta e seis contos!**

Boa governança, o diabo é se ha alguma indigestão!

Guerra á guerra

Lemos na *Vanguarda* com especial attenção este artigo firmado por o nosso estimado correligionario sr. Heliodoro Salgado.

Os nossos parabens.

VENHO DIZER ao quintanista de direito, sr. Alexandre de Mattos, que não está o seu nome inscripto na relação dos estudantes republicanos que formaram um grupo politico o anno passado, e que por isso *metteu foice em ceara alheia*, o que não devia fazer.

Todavia declaro muito terminantemente que não desgosto de ser chamado á liquidação de contas com o mesmo grupo e portanto com o antigo e extinto *Portugal*, de que eu era editor.

Para isso basta-me que s. ex.^a se apresente com procuração dos ex.^{mos} srs. dr. Ricardo Paes Gomes, Alexandre Braga e Fausto Guedes Teixeira, unicos senhores que me acompanharam na querella ao alludido *Portugal*, e bem assim do ex.^{mo} sr. Malva do Valle que, ainda hoje estou convencido, não se uniu áquelles cavalheiros por se encontrar então fóra de Coimbra.

Convem-me dizer que o referido grupo se compunha de 103 estudantes e que a liquidação será feita em absoluto.

Emquanto ao titulo d'este semanario direi apenas que nas mãos dos ex.^{mos} srs. drs. Delegado do Procurador Regio e Administrador do Concelho existem processos de habilitação de 6 publicações periodicas, cujas propriedades me pertencem, das quaes posso fazer o uso que entender. Coimbra, 12-11-97.

José Maria dos Santos Nazareth,
editor do novo Portugal.

Joaquim Martins de Carvalho

Será, no dia 16 do corrente mez, alvo d'uma manifestação entusiasta este nosso correigionario, que os tempos hão envelhecido phisicamente, mas a quem hão servido d'util mestre na vida, dando-lhe a orientação politica que todos os homens de coração e sentimento para si tomam.

A sua penna foi um escalpello que a corrupção temeu, o seu braço foi uma força viva com que sempre contou a Liberdade; o seu cerebro foi sempre a machina poderosa que moveu, centuplicou as forças que jaziam inertes, lhes deu vida, lhes deu alma.

Foi Joaquim Martins de Carvalho um artista, tornou-se um symbolo politico, e uma fonte de caridade; o seu jornal, que elle ama como metade da sua vida, é o pregão da santa virtude, a caixa de socorro dos infelizes.

Bem fazem pois os artistas em ir depôr a seus pés grinaldas de flores, productos do seu trabalho; não podemos ir, talvez, tomar parte na homenagem, porque as nossas obrigações academicas não nos deixam, iremos depois, e, pode Joaquim Martins de Carvalho estar convencido que regaremos com lagrimas de consolação essas mãos enrugadas, que são as do Decano da Imprensa Portugueza, lagrimas que partem d'almas novas, almas crentes no futuro.

Cincoenta annos d'existencia d'um jornal são 18:250 privações porque passa uma alma.

Avante pois por Martins de Carvalho!

A Redacção do *Portugal* faz-se representar nos festejos em honra do Decano dos Jornalistas Portuguezes por o Snr. Pompeu de Seabra.

Duzentas doutouras

A imprensa allemã relata que nas faculdades de direito, medicina e letras da Universidade de Berlim se matricularam cerca de duzentas senhoras, no presente curso.

Ao sr. Mattos e a mais alguém

A redacção do *Portugal* declara que a questão de nome e propriedade d'este jornal deve ser liquidada com o seu proprietario Santos Nazareth.

A redacção.

MÃOS Á OBRA!

É infelizmente tão ao alcance de todos o ajuizar do estado desgraçado do paiz e da impossibilidade de melhoria de situação dentro da nossa actual organização politica, que a ninguem poderá restar duvida sobre o perigo da sua manutenção e sobre a necessidade, mais do que nunca imposta, da substituição de regimen.

O problema a todos se apresenta como da mór importancia e da mais declarada urgencia e resolvel-o deverá ser a intenção de todos aquelles que não queirão ver desaparecer de um momento para outro a nossa nacionalidade e accordarem um dia sem liberdade e sem patria, manietados pelos ferros da administração estrangeira.

Ninguem pôde hesitar, nem duvidas se admittem, nesta questão de summa capitalidade.

Mas se alguma hesitação ainda se comprehende e é possível, está sómente no que toca ao modo de resolvel-a.

Quanto a nós só uma unica solução se nos impõe como verdadeira e necessaria nas condições actuaes e desgraçadas do paiz: — a *Revolução*.

Sem rodeios e sem hesitações o dizemos claramente e sempre que possível nos seja o demonstraremos.

Perdido o seu valor moral, perseguido e atacado por uma opposição cada vez mais poderosa e engrandecida por favor das condições viciadas da nossa vida social e situação improspera da Nação, o actual regimen, lucha desesperadamente pela sua salvaguarda e preocupado com a pouca segurança da sua gerencia, mais do que nunca ameaçada, procura obter por todos os meios possíveis o maximo numero de forças defensivas. Assegura a sua defesa moral atrahindo e chamando a si aquelles, que por fraquesa natural ou necessidade poderosa, não sabem fugir ao offerecimento d'uma collocação, nem recusar-se a serviços vergonhosos a troco d'uma boa posta ou tentadora promessa vendo-se na obrigação perigosa de augmentar os quadros prenhes do *funcionalismo*.

E finalmente, fortalisa a sua defeza material por um processo de apparencia valiosa tratando do augmento dispendioso de forças militares, criando até privilegios dispendiosissimos a algumas facções daquella classe e roubando por uma maneira bastante notavel um sem numero de braços á industria e á agricultura, que mais do que nunca se vêem desfavorecidas o olvidadas.

E assim querendo defender-se attacca-se a si proprio. Julgando alimentar-se envenena-se. Parecendo rebustecer-se, enfraquecer-se.

E tudo isto exactamente porque procura tomar como defeza o que é a sua principal causa d'ataque; o que todos sabem ser das causas principaes da nossa pessima situação financial, por consequencia da nossa pessima vida social e correlativamente da obstinada opposição de que é e terá de ser victima o actual regimen.

Aqui está porque nos convencemos da incapacidade e perigos da sua gerencia, do seu progressivo enfraquecimento e da sua queda enevitavel, e da necessidade da sua substituição, que como dissemos e agora repetimos, só se pode alcançar pela *Revolução*, prompta, rapida sem delongas ou considerandos.

Bem sabemos que muitos ha que aconselham a obra da evolução, a facilitação do enfraquecimento monarchista, do auxilio da morte lenta do regimen actual causticando-lhe os seus actos, exagerando-lhe os seus inconvenientes, cultivando-lhe os seus escandalos, e avivando-lhe as suas chagas. Nós não queremos isso! Discordamos por completo dos modos ordinarios de *politizar*; pelo cultivo dos escandalos, pelo dispendio de insultos e afirmações injustas, pelo abuso das circunstancias criticas do paiz, porque vemos em tudo isso uma declarada cobardia e porque sabemos que a evolução decadente do actual regimen leva infallivel e parallelamente á do paiz; que a morte natural da actual organização politica da nossa terra, impõe a da nacionalidade que administra e finalmente porque não nos resta duvida alguma sobre a inef-

ficacidade de campanhas que querendo attingir o governo melindram os interesses da nação e peioram a sua situação delicada, emprehendidas pelos que aconselham a obra da evolução (a chamada *obra de paz*) e pelos que nos chamam *crianças e imprudentes*.

Os que assim pensam que fiquem para traz, porque nós prescindimos de seus conselhos; porque imprudentes temos mas prudencia; porque temos ainda nossas ideias bem claras para ver que é preferivel a morte de alguns, ao sacrificio de uma nação inteira, porque estamos crentes em que, se a *Revolução* se fizer, prompta, decisiva, dentro em breve, poderemos usufruir de futuro, uma vida bem melhor do que a actual.

Mesmo quando outro remedio não houvesse senão morrer, mesmo quando fosse inevitavel a perda do paiz, não temeríamos em aconselhal-a.

Morressemos embora, mas morressemos como valentes.

Derramassemos o nosso sangue, mas afogassemos nelle, os nossos vencedores. Cahissemos varados pelas balas ou atravessados pelas bayonetas, mas atirassemos-lhes ás caras na hora de morrer o grito de *Cambronne*.

Soubesse morrer quem viveu uma das vidas mais gloriosas, quem teve bastante força para assombrar um mundo.

Não é porem tão desesperada a nossa situação, porque temos inda muita força! Salvarnos-hemos, porque temos ainda muita esperança!

Não é ainda incuravel a doença do paiz porque nos resta um remedio unico e eficaz: — a *Revolução*.

Disponhamo-nos sem delongas ao sacrificio, armemo-nos sem receio para a lucha, trabalhemos sem rodeios pela revolta!

Coragem! Mãos a obra!

Lemos na «Folha do Povo» de 9 do corrente o seguinte:

«Acabam de anunciar-me, em toda a seguença, que o governo tendo já conhecido da sentença que o tribunal de Berne vae pronunciar na questão do caminho de Ferro de Lourenço Marques, está tratando de arranjar com que lhe sejam concedidas grandes facilidades para o pagamento da somma arbitrada, justificando o seu pedido no facto de terem falhado todos os seus planos financeiros.

Essas facilidades ser-lhe-hão concedidas, ao que consta aqui, se o governo offerecer a garantia dos rendimentos do mesmo caminho de ferro, do porto de Lourenço Marques, e dos mais que se julguem precisos para assegurar o integral pagamento da indemnisação. Neste caso, e dada a situação do governo portuguez perante os seus crédores externos, ser-lhe-ha exigido um fiador encarregado de cobrar os rendimentos em questão. Indica-se para isso a Companhia de Moçambique, que é «portugueza» no nome... mas «Ingleza» no fundo.

Na Bolsa perguntava-se hoje se, haveria correlação entre o facto que deixo apontado e os projectos de modificação da Carta magestica da Companhia de Moçambique, modificação que poderia habilitar esta companhia a preencher o papel de cobradora dos rendimentos hypothecados ao pagamento da indemnisação arbitrada pelo tribunal de Berne.

Dizia-se tambem que talvez a projectada passagem do sr. Barros Gomes para a pasta dos estrangeiros, tenha alguma ligação com a tramolia. Sendo este ministro o «pae da creança», é de crer que deseje estar ao leme diplomatico. — caso que, diga-se em boa verdade, não é nada tranquilizador para o paiz.»

Prepara-te Povo, a festa vae começar; já o disse o snr. Dias Ferreira.

Vae ser dada carta de conselho ao snr. Gomes da Silva, julgado jornalista republicano.

Tem estado doente o director da *Marselhesa* Snr. João Chagas. Folgamos com as suas melhoras.

Ao quintanista Alexandre Mattos

«Palha e feno para o desalmado!»
Carlos Metello, *Folhas perdidas*,
pag. 46.

Queria tractar o Mattos com urbanidade e delicadeza para ensinar educação ao Dr. em prespectiva, porém elle deu couce e fugiu.

Encontrei o Mattos no Arco d'Almedina e quiz falar-lhe, dizer-lhe que não fosse precipitado em affirmar mentiras, verdade é que o mal já estava feito, o Mattos porém não quiz, paciência cá estamos.

Com a prosapia estúpida d'um orador que faz discursos para serem vendidos a 100 réis, como mercadoria excellente e que não foi bem aceite, pois o Gymnasio teve de pagar a offerta do seu director, o Mattos não me quiz attender.

Digo-lhe agora o que então lhe quiz dizer; fique sabendo o parvalheira que eu não estive em Lisboa e que portanto o não podia ter visto lá; fique sabendo que eu tenho a coragem bastante para não temer nada e muito menos o tal Mattos, que se fosse eu que escrevesse qualquer referencia a alguém, elogio ou vituperio, a assignava.

O artigo em questão veio de Lisboa, de pessoa reconhecidamente republicana e que a sua qualidade de militar não deixa dizer quem.

Mente pois com o descaramento d'um farçante ao dizer meu esse artigo, e é d'uma baixesa de character extraordinaria ao saber que sou filho d'um militar e ao vir revelar publicamente o meu nome, de mais a mais mentindo.

Depois, é hypocrita, acoberta-se com o disseram-me que o artigo é de tal fulano; quem é elle, diga-o sem medo, por que isso não leva compromissos a ninguem e que os levasse, o Mattos já desceu á baixesa de quebrar o socego d'um contemporaneo, de ir alterar o bem-estar, ou poder alterar, d'uma familia.

O Mattos junta á mentira a hypocrisia, á hypocrisia a infamia.

Quanto aos meus ossos disseque-os bem, offereço-lhe até o bisturi.

Ahi tem uma resposta, uma e só uma porque é gastar cera com ruim bicho.

Joemy

Ao *Defensor do Povo* pedimos que, em cumprimento d'uma praxe jornalística, que o Mattos não soube respeitar, publique esta carta.

Pedimos desculpa a alguns dos nossos estimados collaboradores de os seus artigos não poderem ser publicados; a falta d'espaco a isso nos obriga.

O espaco foi preenchido com o tal pimpão do Mattos.

Não podemos tambem dar noticia das publicações recebidas, em virtude da mesma falta d'espaco.

Queiram as illustres emprezas desculpar-nos, irá tudo no 3.º numero.

A QUESTAO DO JOGO

Vimos no numero 1 do «Portugal» um artigo sobre a questão do jogo, com que discordamos quasi por completo, discordariamos no todo se o seu signatario, que sabemos ser um intelligente quintanista, não fosse como nós republicano, é somente na corrente d'ideias politicas que não discordamos.

O artigo parece-nos querer evidenciar que o jogo é tão honesto como a prostituição e esta tanto como a loteria, postas de parte as considerações da necessidade, até certo ponto, da prostituição, necessidade organica tendente a satisfazer uma necessidade physiologica, e do facto de a loteria ser tambem um jogo d'azar, estamos plenamente d'accordo.

É bem verdade que a auctoridade tem de fechar os olhos perante a batota, mas não é porque ella nos traga a visita de mais estrangeiros a Portugal do que a suavidade e doçura dos nossos climas, é porque entre os batoteiros estão grandes potentados politicos e financeiros.

Da redacção do «Portugal» ao Snr. Alexandre de Mattos e Ex.^{ma} Redacção do «Defensor do Povo»

Um militar e um advogado ambos republicanos, viram o Snr. Mattos a escrever para o *Correio da Noite* e como este jornal se desse ao trabalho d'andar a retractar e a descompôr os republicanos, aquelles senhores sabendo o snr. Mattos dizer-se republicano, tendo-o até como tal, pediram-nos que dissessemos alguma coisa sobre o facto, mandando-nos um d'elles ao mesmo tempo aquelle mesmo artigo «Apostatou» que nós alteramos só em dizermos que o snr. Mattos escrevera ou redigira *A Voz do Porvir*.

Fizemol-o na melhor das intenções, como na melhor das intenções o individuo que nos mandou o artigo em questão o fez; o snr. Mattos com o seu espirito de transmontano, irritavel e provocador viu nesse artigo tão simples, tão lisongeiro para si, estamos agora d'isso convencidos, uma serie de falsidades.

Como julgamos a sua consciencia pouco dada a apostasias, chamamos-lhe a attenção, chamando tambem a dos nossos leitores para o artigo e para o seu desmentido.

Esta é a verdade pura, nua e crua, doa a quem doer.

O snr. Mattos em educação fica a perder muito á nossa; viu no artigo um insulto, na repetição da pergunta «Apostatou», uma provocação e... começou a ser malcriado.

Queremos responder-lhe com bastante fleugma e sangue frio, sempre n'este estylo, mas é impossivel; o snr. Mattos foi ter com um cocheiro ou com um garoto das ruas e disse-lhe — escreve para ahi um artigo na tua peor linguagem, — deu-lhe dois vintens e o garoto escreveu.

O estudante, o bacharel, passou a ser o garoto a quem a gente dá um panta-pé e elle afocinha no chão e atira-nos uma pedrada.

Accusa-nos o snr. Mattos de *chantage*, miseravel, fique sabendo o garoto, porque o estudante desapareceu, que nós não recebemos 5 reis por o nosso trabalho, os lucros, se alguns houver, pertencem na sua totalidade ao snr. Santos Nazareth.

Somos nós os accusados de *chantage*, aquelles que temos sempre perdido com estas cousas, aquelles que não fazemos discursos-cartas de namoro, cuja impressão é paga por gymnasios e de que só nós gosamos as glorias, porque dinheiro não houve, apesar do *discurso* custar 100 réis?

Somos nós os accusados de *chantage*, aquelles que num desapego digno d'elogio, não trememos ao dizel-o, não quize-mos ser os proprietarios do jornal para que se qualquer eventualidade se desse não acontecesse o que se deu com a *Voz do Porvir* em que os assignantes foram os caloteados de companhia com mais alguém?

Cumpre dizer que não nos referimos a *A Social*, que suspendeu a sua publicação, e dizemos suspendeu, porque está suspensa, mas com a qual perdeu só o seu proprietario, porque os recibos na sua maior parte não foram enviados.

Somos nós os accusados de *chantage*, aquelles que fizemos logo declarar que o actual *Portugal* nada tinha de commum com o antigo?!

Miseravel Mattos que vê em todos uma alma da força d'elle!

A gente quer tractar, conversar com esta canalha, perguntar-lhe uma coisa, saber a resposta e tudo ficar bem, porém é uma gentalha impossivel, que não sabe conversar, porque mette uma perna entre as do parceiro, como o Mattos fez no Gynasio, e adeus minhas contas, tanto pode a gente ser respeitado como a victima foi, como pode levar uma navalhada, um coucé.

Um dos redactores d'este jornal nutria até sympathia por o Mattos, como lho provou por accasiao de querer fazer uma publicação periodica, convidando-o para director d'ella, o Mattos porem é exactamente a esse que apanha pelo pescoço morde e quer matar quando elle lhe quebra os dentes com um murro.

E querem ser estes os homens d'ámanhã?

Triste e infeliz republica com taes republicanos!

Vêem um jornal insultar correligionarios, vão-lhe porém prestar o seu auxilio, por sympathia por homens d'esse jornal, quaremos querel-o, mas que se vae reflectir em um bem para o jornal, porque havemos de confessal-o, o Mattos é talentoso.

Em carta do accusado de ser a auctor do «Apostatou» se refere este á deslealdade do Mattos, indo mecher com um rapaz que nada tem com isto, sabendo que o pae d'esse rapaz é militar e que portanto podia ir alterar o bem-estar da familia d'esse rapaz; pois, saibam todos, que este rapaz sentia viva sympathia por o Mattos.

O garoto foi tão baixo que não teve em consideração o facto do Pae do rapaz ser militar, de ter um irmão militar, um cunhado militar tambem, foi indical-o, foi evidencial-o; o que vale é que a innocencia do rapaz é manifesta e o auctor do artigo em questão não terá duvida, em ultimo caso, em fazer-se conhecer, não porque o Mattos o queira, porque o mandaremos a um certo sitio, mas quando os governos o queiram salvar.

E com este pulhasito temos gasto assim tempo e papel, tempo e papel que poderia ser melhor empregue, vá que tambem é o unico.

Quanto á redacção d'este jornal ter medo de lentes, policias e papás, temos a dizer ao homunculo que os lentes ainda hão de ter dignidade para se não envolverem n'estas cousas, que á policia daremos conta quando ella quizer e que aos Papás respeitamos o bastante para calarmos a voz da nossa consciencia, quando um canalha nos denuncie, para lançarmos mão d'um ferro em braza para gravarmos na frente d'essa escoria da sociedade, chamada traidor o ferrete da ignominia, no estafermo do Mattos por exemplo.

Roa e que a razão lhe abunde, porque não temos tempo para o aturar.

Terminada a parte que diz respeito ao garoto, temos a pedir á Ex.^{ma} Redacção do *Defensor do Povo* que, em um cumprimento d'uma praxe jornalística que o garoto não soube respeitar, faça publicar esta carta no seu muito lido jornal.

Sabemos que o costume da resposta ser dada no jornal em que somos agredidos vae cabindo em desrso nós quere-mos respeitá-lo.

Por esta fineza pode crer que lhe ficaremos sempre gratos.

A Redacção

Revoltoso doente

O ex.^{mo} snr. Manuel Maria Coelho nosso presado correligionario acha-se tido no leito, bastante doente.

Agouramos-lhe rapidas melhoras.

CARTA DO PORTO

11—11—97.

Sucedem-se os factos politicos com uma rapidez vertiginosa, nesta invicta cidade.

Aqui como em toda a parte a politica progressista está completamente desacreditada, mercê de um tolo vaidosismo com que ora se enpavonam, julgando-se com o apoio do povo que lhe conhece as manhas, o vasio dos cacos dirigentes e a quem elles tentam apanhar tagateando-o com promessas elusorias para depois de servidos lhe ferrar com os ossos no porão de uma qualquer corveta, tendo-lhe antes servido um piteo de peixe espada municipaliana.

Felicamente que, o povo, conhecendo-os em demasia não lhes presta o apoio, nem tão pouco os acredita, mas antes lhes lança o mais profundo desprezo.

Não era o desprezo que se lhe deveria lançar, mas sim uma substancia que os destruisse — o veneno, o dinamite, o nihil, por exemplo.

Por toda a parte se fala, se discute, nas ruas, nas praças, nos theatros, nos cafés a nomeação do governador civil.

Um pró, outro contra esta nomeação acaloradamente aplainam o caminho ou criam difficuldades, segundo a sua facção politica, melindres ou sympathias,

O que é certo é que esta nomeação em substituição do homem que presidia a este districto é esperada com mais ou menos anciedade por toda a capital do norte.

A exoneração forçada de hontem pela sua pouca ou nenhuma capacidade para cargo de tão elevadas e melindrosas funções, acobertada por uma licença que o medo e o pouco tato politico, o levou a pedir e onde toda a gente viu uma despedida formal, foi a prova provada da sua nulla e chatissima incompetencia politica.

Depois, em sua substituição dão-nos o *heroe* da acolhida aos causadores da guerra civil do Brazil, os perturbadores da Paz Republicana e pertendidos restauradores da monarchia brasileira, como que essa reviravolta pudesse dar-se hoje d'um continente que é todo republicano. porque quanto a mim, essa tão decantada heroicidade, não passou de um refinado acto de barbaridade, pois que para salvar meia duzia de ambiciosos *sebastianistas*, sacrificou um povo inteiro, subtrahindo justo castigo os elementos aventureiros que lançaram a discórdia num paiz em via de um grande florecimento.

Este *heroe*, que um concelho de guerra, — monarchico, mas deshumanitario, absolueu veio capitular as suas glorias na gerencia d'este districto, onde nada fez que o evidenciasse, vindo para aqui só como verbo de encher e emquanto o *outro* tomava lá pela capital alento, novas forças e coragem para vir possesar-se do cargo que tanto medo lhe poz; o *heroe* apertado pelas circumstancias e desejoso de continuar a ser o — leão do mar — que so protege malfeteiros, cede de novo o lógar ao seu sapientissimo predecessor. Hoje que — tudo como d'antes — as asneiras centuplicaram, o governo vê-se na necessidade de lhe tirar o governo do districto para não termos que lamentar maiores tolices e entregal-o ao sr. dr. Pina Callado, que todos esperam continuar á *acreditar* o systema politico que nos rege.

Esperamos.

Ha muito que entre os snrs. Affoson Taveira, empresario do theatro Principe Real e a D. Guiomar Torresão, existe uma questão theatral por causa do drama do escriptor francez Freire Decourcelle — *Os dois garotos* — Les deux gones.

Este drama, cuja tradução e propriedade é da snr.^a Guiomar e por contracto cedido á empresa José Ricardo do theatro D. Affonso, para ser aqui representado; agradou, ou por novidade de empresario, tentou o snr. Taveira a levar-o tambem á scena para o que o poz em ensaios com o titulo de *Os abandonados*, alegando ter comprado esta tradução a um escriptor brasileiro,

Vem a snr.^a Guiomar Torresão e zaz, aresto. É justo.

Depois o snr. Taveira encumbe o snr. Teixeira Lopes de extrair um drama do romance de P. Decourcelle *Fanfam* e já publicado em 1889 e portanto fóra da convenção litteraria em os dois paizes.

A snr.^a Guiomar Torresão promove-lhe outro aresto de que terá mais tarde de soffrer as consequencias.

Este pleito foi entregue a juizo que o mandou entregar por sua sua vez ao poder administrativo. Ahi, segue o seu curso, que em breve dará e seu veredictum

Moralmente, aqui em Portugal, a balança pesa em favor da snr.^a Guiomar Torresão, juridicamente, parece-nos, a balança pesa do lado do snr. Taveira.

Consta-me que os estudantes da Academia vão reunir-se muito em breve para discutirem se devem ou não usar um distinctivo academico que os differenceie ou distinga dos futricas portuenses.

Darei parte do que resolverem,

Joel.

Carlos Antunes.

ATHENAS

LARGO DA SOTTA

EDIFICIO DO HOTEL MONDEGO

Casa illuminada a **Gaz Acetyleno** que tem 20 vezes o poder illuminante do gaz ordinario e pela suavidade baptisado em França **Lumiere de Velours**.

Café montado com conforto e luxo, bilhares artisticos com a celebre tabella americana **Souveraine**, tacos e accessorios Saint Martin de 1.^a ordem. Tudo novidade em Coimbra.

Vinhos e bebidas de todos os generos e qualidades. 1.^a escolha.

Restaurante com serviço por lista a toda a hora. Execução por encomendas de refeições. Comida por mez, ajuste especial.

COSINHEIRO DE LISBOA

ANTIGA DROGARIA AREOSA

JOSE' FIGUEIREDO & C.^a

28 - MONTARROIO - 33

COIMBRA

Deposito da sociedade de perfumarias hygienicas e antisepticas de Bordeaux, das do Dr. Bousset, e da Empresa das Aguas Minero-Medicinaes de Entre-os Rios.

Artigos para Photographia. Chapas allemãs, francezas e inglezas. Cartões, papel preparado e mais productos proprios para a photographia.

Fornecimentos para Pharmacia. Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas das melhores procedencias. Perfumarias de diferentes qualidades.

Cimentos inglezes, de diferentes marcas garantidas.

Sulfato de Cobre para as vinhas, garantido a 99 %.

Preços resumidos. Vendas por junto e a retalho.

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

VIUVA A. DE PAULA E SILVA

2 - RUA DO INFANTE D. AUGUSTO - 4

COIMBRA

Nesta já conhecida *agencia*, fundada em 1893, tratam-se quaesquer negocios dependentes da Universidade, incumbindo-se tambem de obter *cartas de doutor, de licenciado, de bacharel, de formatura, de pharmaceutico*, etc.

DEPOSITO DE BANDEIRAS

E DE

Todos os artigos para ornamentações de festejos

SERIO VEIGA

66, RUA DA SOPHIA, 68 - COIMBRA

Neste deposito, o primeiro no seu genero nesta cidade, encontra-se para alugar um variado sortimento de bandeiras de diferentes tamanhos e gostos, assim como: arcos, columnas, pedestaes, postes, estatuas em tamanho natural, vasos, escudetes, escudos, floreas, lanternas de vidro branco e de outras cores, balões venezianos, balões á crivas, balões de movimento, etc.

TABACARIA ACADEMICA

JOAQUIM DA SILVA NEVES

13 - RUA DO INFANTE D. AUGUSTO - 15

COIMBRA

Nova agencia de negocios universitarios

Centro de assignaturas - Loteria e papelaria

TYPOGRAPHIA OPERARIA

LARGO DA FREIRIA, 14 - COIMBRA

PROPRIETARIO - PEDRO CARDOSO

Satisfaz-se com brevidade todo o trabalho typographico, executando-se com o maior cuidado e esmero, havendo para isso magnifico material nacional e estrangeiro.

Especialidade em facturas, addresses, enveloppes, timbres, memorandums, diplomas, bilhetes de visita, rotulos para pharmacia, etc.

Tambem se fazem cartazes e programmas para theatros, jornaes politicos e litterarios, publicações de grande formato, etc.

Para fóra de Coimbra remetem-se g^ocomendas francas de porte.

PHARMACIA DO CASTELLO

Premiada em varias exposições

FUNDADA EM 1859

Neste estabelecimento, permanentemente dirigido por pessoa habilitada, encontra o publico o mais completo sortido de productos chimicos e pharmaceuticos, instrumentos cirurgicos, artigos de penso, algalias, mamadeiras, seringas de todos os systemas e applicações, meias elasticas, irrigadores de Esmarch, Eguisier, etc., etc., stetoscopios, pulverisadores, forceps, aguas mineraes nacionaes e estrangeiras, etc.

Tomam-se quaesquer encomendas de França ou Allemanha mediante pequena commissão.

Aviam-se formulas homeopathicas.

CAMILLO & COSTA

Largo do Castello - COIMBRA

Julião A. d'Almeida & C.^a

20 - Rua do Sargento-Mór - 24

COIMBRA

Neste antigo estabelecimento cobrem-se guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem teem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

Receberam ultimamente um sortido de sarja de seda de variadas cores, para guarda-soes e sombrinhas de senhoras. O que ha de mais *chic*.

ANTONIO AMBROSIO

6, Adro de Cima (a S. Bartholomeu), 7

COIMBRA

Bandeiras para cordas e paus, de diferentes tamanhos; ditas com galhardetes e outros ornatos, tambem de diferentes tamanhos.

Grande variedade de balões venezianos, copos de côr, lanternas e escudos, que tudo aluga por preços commodos.

Este estabelecimento, o mais antigo neste genero, foi o que forneceu a ornamentação para os festejos de Camões.

ADVOGADO

Frederico Guilherme N. de Carvalho

RUA DA SOPHIA, 56

COIMBRA

BALÕES AEROSTATOS

Fabricam-se de diferentes gostos, com lindas e variadissimas cores, para fazer subir em arraiaes, medindo de 0^m,90 até 6^m,0, regulando os seus preços de 40 a 600 réis.

SERIO VEIGA - Sophia - Coimbra

Unico estabelecimento em Coimbra

NO GENERO

43 - RUA DA SOPHIA - 45

Pianos, bicycletes, machinas de costura, artigos electricos, etc., etc.

Vendas a prompto pagamento e a prestações.

Correspondente de emigração para todos os estados da Republica do Brazil. Passagens gratuitas.

A. S. DE CARVALHO

COPIOGRAPHOS

Para reproducções de manuscritos, circulares, avisos, preços correntes, sentenças, et., etc.

Garante-se 50 copias.

SERIO VEIGA - Sophia - Coimbra

EDUARDO VIEIRA

ADVOGADO E TABELLIÃO

Rua da Sophia, 53

COIMBRA

ENCADERNADOR

ALBERTO VIANNA

LARGO DA SÉ VELHA

COIMBRA

BARBEARIA

JOSE' COIMBRA

Rua do Infante D. Augusto

COIMBRA

CAFE' MINERVA

José Maria de Figueiredo

17, RUA DO INFANTE D. AUGUSTO, 21

COIMBRA

CONSULTORIO MEDICO

JOÃO DOS SANTOS JACOB

COIMBRA

Rua de Ferreira Borges

ENCADERNADOR

AUGUSTO COSTA

COIMBRA

Rua do Infante D. Augusto

BORGES D'OLIVEIRA

ADVOGADO

RUA DO VISCONDE DA LUZ

COIMBRA

Branco e Negro

Semanario illustrado

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente), por trez mezes - Portugal e ilhas adjacentes, 550 réis - Africa Portugueza, 650 réis - Estrangeiro (paizes da União Postal), 4 francos - Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania, 17050 réis.

NUMERO AVULSO 40 REIS

A propriedade d'este jornal é da Livraria e casa editora Antonio Maria Pereira, de Liaboa.

Redacção e Administração - Rua Augusta, 47, 2.^o andar.

PIERRE DECOURCELLE

OS DOIS GAROTOS

Grande e sensacional romance em publicação, ornado com 200 gravuras 120 réis cada fasciculo de 6 folhas e 6 gravuras, franco de porte!

Pedidos á Antiga Casa Bertrand - José Bastos, editor - Rua Garret, 75 - LISBOA.

EDITOR

JOSÉ MARIA DOS SANTOS NAZARETH

Typographia Operaria - Coimbra



1.º ANNO
—
NUMERO
3

Domingo
21 de novembro de 1897

ASSIGNATURA

Trimestre (12 numeros) 350 réis
Semestre (24 numeros) 650 >

ANNUNCIOS

Linha 20 réis
Imposto do sello 10 >

«O estado fez já meia bancarrota, e pouco tardará que a não faça completa. É inevitavel.»

«Uma republica auctoritaria, ou centralista, como a actual monarchia, pouco serviria a liberdade, e deixaria no mesmo pé a questão financeira e economica.»

Dr. Jacintho Nunes.

CONFRONTOS

Sobre a nossa banca de trabalho vemos agora tres livros pertencentes a tres auctores diferentes — *Os Planos Financeiros do sr. Marianno de Carvalho*, *Liquidações Politicas*, escripto pelo sr. Fuschini, e *A Crise*, do sr. Silva Cordeiro.

Tres livros diferentes que representam tres cousas diferentes tambem, reductiveis a uma só, á nossa desgraça.

Os Planos Financeiros ligam-se directa e immediatamente com as *Liquidações Politicas*, porque ambos elles tiveram em vista deffender os srs. Marianno de Carvalho e Fuschini dos seus actos ministeriaes, explicar ás massas a razão do seu procedimento.

Os dois livros citados ligam-se com o livro do sr. Silva Cordeiro por os laços d'affinidade que ligam todos aquelles que se conjugam para a realisação d'um fim; esse fim, nos tres auctores, é provar a nossa decadencia moral, a nossa corrupção.

O sr. Silva Cordeiro tem tido a felicidade de não se ver sentado nas cadeiras do poder, e d'ahi o livre a sua honra e a sua dignidade; outro tanto não acontece com os outros dois senhores que nas cadeiras do poder tem feito chegar o Povo á conclusão de que «tanto valem uns como outros».

Parece impossivel que uma prostituição moral sem igual na historia das nações tenha levado alguém a comparar a nossa politica com a pintura — «uma arte cuja perfeição consiste em illudir», — mas essa pintura é como a que uma condessa Sophia de Lievitz exigia d'um celebre pintor, Tolain, querendo que este pobre rapaz, porque era um rapaz, segundo diz Victor Cherbuliez, pintasse arvores verdadeiras «mas d'uma verdade imaginada», para ella com os olhos da alma dizer:

«—Aqui está uma arvore que tem ares de alguém — e o coração pulsar-me-ha.

... Mas não tenha receio de mentir, contanto que eu o acredite. Pois o que é a arte? Uma doce mentira que faz com que acreditemos n'ella, um mysterio que nos alaga de ventura. a subtracção dos pormenores por uma harmonia divina que nos faz sonhar...»

Se esta condessa tivesse vivido em Portugal definiria assim a nossa politica — uma doce mentira que soando bem aos ouvidos, faz com que acreditemos n'ella, posto que nos arruine; um mysterio que nos alaga de venturas falazes e de desgraças per-

duraveis, a subtracção dos pormenores por uma trapaça egoista que nos faz pasmar.

Esta é a verdade, bem entendido, quando são os governados que a definem, porque de contrario a moral é outra.

Os governantes teem uma definição propria, e quando dizemos os governantes referimo-nos aos partidos que se revesam no poder, com uma differença apenas que, «cá em Portugal», os homens e os partidos teem uma moral no poder e outra na opposição», seja visto o syndicato de Salamanca.

O sr. Fuschini, de companhia com o sr. Dr. Bernardino Machado, fundou, ou vae fundar um novo partido, cuja noticia nos foi transmittida por a *cinta de ferro* da Hespanha; não queremos porisso estar a arriscar affirmações que o sr. Fuschini venha depois desmentir na pratica.

Uma unica cousa lhe pede o Paiz inteiro, que não faça orçamentos á Carrilho, que nos tragam sempre saldos, quando desde 1852 até 1892 tivemos 110:000 contos para saldar os *deficits* da balança commercial da exportação metallica, e de quaesquer disequilibrios da economia interna, o que representa menos de 3:000 contos por anno, quando esse *deficit* de 1891 a 1893 foi de 15:000 contos.

O credito de que temos vivido desde 1852 até 1892 attingia, o minimo, a bonita quantia 600:000 contos, dos quaes, deduzidos 200:000 contos para despezas productivas, ficavam 400:000 contos, dos quaes 240:000 contos entravam no Paiz para saldar todos esses *deficits*, e entravam 240 mil contos se não houvesse luvas a dar, beijinhos a pagar, dançarinas de theatro a abraçar, etc.

Desde 1890 tem sido um *deficit* continuo, uma orgia louca em que as libras, que não ha, correm ás contenas, em que os syndicatos Centeno-Arroyo são factos normaes, que em outro Paiz iriam prestar contas no tribunal, etc.

Convem dizer que em maio de 1891 os cofres publicos estavam exhaustos; de 18:000 contos que deviam receber, havia só 600 contos, e, a pagar em 31 de dezembro d'esse anno e as despezas eram de 15:150 contos de réis.

Do emprestimo de 36:000 contos, contrahido em fevereiro do mesmo anno, havia apenas 600 contos!!!

Isto em 1891, o resto é facil de deduzir, todos os dias o sr. Dias Ferreira o está a dizer.

Dos recursos de que nos valemos para este estudo temos ainda a res-pigar um excerpto, que diz particular respeito ás nossas crenças politicas, que é um insulto gravissimo lançado ás cinzas dos revoltosos.

A crise economica e financeira, porque são duas cousas diferentes, tinha-se manifestado, como já vimos, em 1850, e já dera as suas primeiras manifestações de doença em 1846, repetidas essas manifestações com igual força e caracter em 1876, que são as mesmas da doença de que enfermamos de 1885 a 1890, prevista desde 1880 por Oliveira Martins, manifestada em 1890 e reconhecida em 1889 por o actual Ministro dos Negocios Extrangeiros, é attribuida *politicamente* á revolta de 31 de janeiro, até mesino *economicamente*, como se os factos economicos não fossem aquelles que provocam os politicos, precipitando assim a acção da Historia.

Que significa então esse problema social, moral e politico chamado a ordem publica, sempre em risco de ser alterada?

Que significa então esse facto, que hoje se repete como aquell'outro, dos problemas d'economia não só nacional, mas tambem social, e d'organisação politica se virem seguindo um após outro, discutindo-se, procurando-se-lhe soluções novas, dictadas pelo sentimento e pela justiça?

Que significa então essa crise de trabalho essa peregrinação operaria para o Terreiro do Paço?

Provavelmente são alguns *quiebrós* enternecedores, o *Guerrita* ou o *Bombita*, um *Baia!* por los toros! *Viageros al tren!*

É a repetição da Historia, já em 1846 os cartistas diziam que a revolução era a culpada da crise.

A Revolução foi provocada por a crise e por o *ultimatum*, e nunca a Revolução provocou a crise, antes foi uma sua consequencia natural.

A corrupção, a venalidade, os desvarios da administração publica foram a causa da Revolução.

A Revolução proxima hade ser tambem uma consequencia necessaria e natural do actual estado de cousas.

Quem o duvida? Quem o pode duvidar?

El-rei offereceu já aos seus subditos bolota na ponta dos sabres, o Povo está lhe em divida, deve offerecer-lhe um pão collocado sobre a mesa d'um navio que o leve para longe.

Lourenço Marques, Berne, Moçambique, Goa, Portugal d'um a outro extremo estão a pedir uma convulsão

que vá agitar a Hespanha, fazer tremer as Vascongadas e tingir as margens dos rios; que essa agitação venha sem delongas, sem demoras!

Urge, é necessaria; rue um throno, esphacela um regimen, mas salva um Paiz, dois!

A sua demora fará que chegue quando, com essa ruição e esphacelo vão os proprios Paizes á vela.

Porque ?

O Capitão Homem Cristo acha-se preso por o supposto *crime* de escrever para os jornaes republicanos contra um seu superior.

O facto de escrever contra os seus superiores, o que foi desmentido já, na parte que lhe toca, por o nosso presado collega *A Marselhesa*, é punivel pelo artigo 82.º do Codigo de Justiça Militar; a suspeita não dá direito a prender-se a pessoa de quem desconfiamos, n'estes casos, e bem assim não é tambem punivel o escrever-se em jornaes republicanos, por menos no Codigo de Justiça Militar não vem nada a esse respeito.

Escrever contra os superiores, teem-no feito muitos, sem que porisso hajam sido punidos.

Porque está preso o capitão Homem Christo?

CUBA E HESPANHA

Quando um povo lucha heroicamente, como teem luctado os cubanos, pela sua independencia, quando a sua tenacidade assume proporções collossaes, quando alguns desvairamentos praticados são em prol de uma ideia nobre e de uma causa justa, esse povo torna-se um heroe e impõe-se ao respeito e veneração de todos os povos civilisados.

A Hespanha opprimiu, vexou, sugou o povo cubano. Ah! tem o resultado; milhares e milhares de vidas perdidas, rios e rios de dinheiro que desaparecem e, depois de serenar este revolutar das sociedades, Cuba ficará emancipada e heroica, livre e gloriosa e os bandidos de Sagunto continuarão sendo considerados despotas imbecis que nada mais fizeram que lançar um povo na ruina.

Bella licção, grande exemplo ás loucuras do despotismo e aos povos que não sabem reclamar os seus direitos!

O governo liberal já resolveu conceder autonomia áquella ilha, mas os cubanos sempre nobres e sempre altivos não acceitam o que lhes querem dar em forma de esmola; querem o que lhes pertence — a sua completa independencia e consequil-o-hão, estamos convencidos d'isso.

A titulo de curiosidade transcrevemos da *Revista Republicana* o seguinte:

»Formou-se na Havana um club revolucionario de mulheres separatistas, que espalhou pela capital da grande Antilha um manifesto em que exorta todas as cubanas a absterem-se por completo de *toda a especie de relações* com hespanhoes.»

É poderoso esta arma de fogo e com ella se teem já vencido grandes luctas.

CONSIDERANDO

No passado numero escrevemos um artigo epigraphado «Revolução», hoje vamos ainda tocar nesse ponto, estudal-o.

A Historia proclama a Revolução, divinisa-a; os tempos exigem a Revolução, como uma força que faz concorrer para um ponto dado todas as atenções num momento dado, indicando aos legisladores o caminho do Progresso.

O espaço tem revoluções sideraes, a terra tem revoluções intimas, a Humanidade tem revoluções sociaes, os Povos teem tambem revoluções politicas.

E os Povos teem revoluções politicas e politico-economicas, porque a sociedade tem o poder sobre o sentimento individual, como o individuo o tem sobre a intellectualidade, e o Povo é para a Humanidade o que o individuo é para a Nação.

É isto o que nos diz **Tarde**, o eminente sociologo francez, no seu recente livro *Essais et Melanges Sociologiques*, nas palavras seguintes: «emquanto que, moralmente, as collectividades são susceptiveis dos dois excessos contrarios, da extrema criminalidade ou ainda por vezes do extremo heroismo, não se dá a mesma cousa intellectualmente;... é lhe vedado o elevar-se á ostentação suprema da intelligencia e da manifestação creadora», posto que se «os homens de genio d'uma sociedade lhe pertencem, os criminosos lhe pertencem tambem; se ella se honra com justo titulo d'uns, ella deve tambem envergonhar-se e arrepende-se dos outros.»

As revoluções sideraes e cosmicas são o resultado de leis naturaes, e de leis naturaes derivam tambem as revoluções organico-nacionaes.

Como se poderiam explicar d'outra forma as revoluções feitas por os Hebreus contra o governo patriarchal, dos Babilonios contra Sardanapalo, dos Gregos contra o archontado, dos Irlandezes contra Carlos I, dos Estados Unidos da America do Norte contra a Inglaterra, as tres revoluções francesas, as revoluções que demoram os annos 16 a 22 do seculo corrente e que tiveram como theatro a Prata, o Chili, o Peru, a Colombia, o Mexico e a America Central?

Se a Revolução não fosse uma necessidade imperiosa, se fosse um crime, criminosas eram a Austria e a Prussia, a Italia e a Grecia, a Belgica e o Brazil.

Criminosos, e mil vezes criminosos, eramos nós em 1640, 1820, 1823, 1836, 1842 e 1891?

Se alguma d'estas Revoluções foram punidas por a lei, glorificou-as a Historia; se os homens condemnaram os revolucionarios, Christo chamou-os a si, porque Christo foi um revoltado.

Desde o *ultimatum* de 11 de janeiro, o crime de 20 d'agosto, a miseria d'um interregno durante seis semanas, o espirito geme sem poder chorar sob uma lei infame e retrograda.

Podeis dizer ao espirito que pare, elle avançará sempre, e para os espiritos não ha isolador possivel, o «contagio dos espiritos é mil vezes mais assolador do que o dos corpos.»

Cesar guerreou o espirito, a religião de Christo, e o Christianismo triumphou. Napoleão guerreou todos e tudo, e o que resta da sua obra? Nada.

Christo impunha-se pela sua philosophia pura e sã, divina e humanitaria, para a qual a terra estava preparada por Platão, os Therapeutas e os Essenios; Napoleão ia contra a civilização, contra o espirito do seculo.

O espirito de Gomes Freire de Andrade foi, ou pareceu ter sido, amortecido em 1817 com a morte do valente liberal e de mais 12 companheiros, elle porem triumphou, porque o contacto da Ideia já se tinha dado e era exigida por o tempo essa Ideia.

A democracia é o principio do seculo, é o dictame de todas as consciencias, e portanto tem de triumphar em toda parte; o constitucionalismo é a alliança hybrida d'elementos oppostos, que tem de cahir por extinção de forças; a Revolução pois no sentido de proclamar um regimen liberal tem de vingar por motivos historicos e sociologicos.

Façamos pois a Revolução e não temamos a falta de meios, porque «a força

de se exaltarem como verdadeiros benefeitores da Humanidade os inventores das monstruosidades chamadas machinas de guerra, se tem habituado a imaginação humana aos horrores dos seus effeitos; e depois de terem inventado estas cousas contra o inimigo externo, nada pareceu mais natural do que servirmo-nos d'ellas contra o inimigo ou rival interno, contra o estrangeiro interior...»

E o exemplo não parte de nós, os republicanos, partiu dos monarchicos.

Um dos *enormissimos* maus resultados das revoluções são as vinganças pessoases, o saque, o assassinato e...; os culpados são os srs. governos d'hoje, porque em virtude da falta d'instrucção primaria, segundo a estatistica feita por um advogado de pena de morte, secretario da monarchia, o sr. F. de Castro, a media annual por cada 100:000 habitantes era, em 1874, em Portugal de 1,72, ao passo que em França era de 0,64, em Inglaterra era de 0,66, na Austria de 0,99, nos Paizes Baixos de 0,39 e na Prussia (1857) de 2,97; isto assassínios, agora por outras qualidades de crimes?

Ora acontece nestas occasiões de Revolução que aos revolucionados se junctam os malfeteiros, dando estes orientação á revolução e não aquellos, porque a miseria dos primeiros «sendo um soffrimento é coisa não communicavel como tal por o simples contacto, emquanto, a perversidade dos segundos é um feixe de tendencias, coisa eminentemente susceptivel de se propagar exprimindo-se pela physionomia e pela palavra.»

Dissemos ha pouco a *miseria dos revolucionarios* e disse-mol-o muito de proposito, porque a maior parte dos que se erguem são «homens incertos do futuro e ameaçados em seus interesses, procurando o remedio na solidariedade.»

Quem pode fazer essa revolução, ou antes, dar o grito de alarme?

Um individuo qualquer, porque, nas condições de effervescencia revolucionaria em que o paiz se encontra, não é coisa difficil fazel-o; um aldeão o consegue, um pastor dirige essa Revolução.

Mas qual é o momento psicologico para fazer essa Revolução, em que dia, a que hora?

Sempre; á sahida da missa, á ida para o trabalho.

Não é necessario senão lançar uma pedra, soltar um grito, entoar um principio d'um canto; então todos o seguirão, veem-se os agentes da policia, chegados para socegarem os animos, a sua chegada exaspera o motim; ouvem-se mais repetidos assobios, depois gritos, cantos sediciosos, e abi está como rapazes, creanças e velhos se exaltam, e pode dizer-se que a revolução foi espontanea. Depois, vidros partidos, bacamartes pelo chão, chumbo pelo ar, forcados, cacetes, bengalas, fueiros, estacas, armas, tudo, tudo serve!

Parte da força armada adhire, a outra reage, fusilaria, mortos, feridos, gloria!

Eis a Revolução que é necessario fazer!

Joemy

Resistencia

Estê nosso presado collega teve hoje a deferencia de nos visitar, trazendo inserta na 2.^a pagina a declaração-protesto de 7 membros do *Grupo Republicano Academico*; pedimos ao nosso presado collega a publicação da resposta a essa declaração-protesto, que se encontra no presente numero do *Portugal*.

E de lealdade jornalística. Este mesmo pedido fazemos a toda a imprensa republicana.

Mais uma desculpa

Esta é pedida aos nossos estimados assignantes e presados colaboradores. Em virtude d'um artigo que vinha inserto no *Defensor do Povo* anterior ao n.º 2 do nosso jornal, tivemos de fazer a revisão das provas d'aquelle numero sobre o Joelho e os srs. typographos, atrapalhados com a letra da redacção e impertinencias dos redactores por causa da tal questão, deixaram fugir algumas gralhas importantes.

Á Ex.^{ma} Commissão representante do «Grupo Republicano Academico»

A redacção do *Portugal* conscia do dever que lhe cumpre de velar pela dignidade republicano-academica, e da missão que lhe cabe, não declina responsabilidades, antes as assume.

Não pode porem crer na sinceridade do protesto por vós lavrado, que dicto seja de passagem, foi obra d'um dos signatarios, trabalhador a occultas e á socapa, e não pode crer nesse protesto, porque um dos seus signatarios o assignou na persuasão de que não tinha a presente redacção declarado logo no primeiro numero que este periodico é completamente independente do antigo *Portugal*, que nada de commum tem com elle; porque outro dos signatarios foi levado com falsas informações a dar a sua assignatura por o mesmo individuo a quem nos referimos.

Isto quanto a dois dos signatarios, e quanto aos outros, assignal-o-hiam com razão e conhecimento de causa?

Um dos pontos do protesto lavrado por V. Ex.^{as} é que nenhum dos membros da redacção fazia parte do «Grupo Republicano Academico», permittimo-nos a liberdade de vos perguntarmos se não faziam parte d'esse sympathico «Grupo» os srs. Antonio Aurelio da Costa Ferreira e Francisco Pedro de Jesus?

Na nossa qualidade de redacção nada tinhamos nem temos com a propriedade e nome do jornal, *lavramos este protesto* unica e simplesmente para descargo de consciencia.

Onde e quando foi registado o titulo de *Portugal*?

Por quem foi registado?

Por ninguem, nunca, em parte alguma!

Poderiamos fazer uma lista de jornaes com o mesmo nome sem que haja *escroquerie*, como V. Ex.^{as} dizem, nem *chantage*, como diz um ignorante, da parte d'esses jornaes.

A toda a imprensa republicana do paiz pedimos a publicação da presente declaração em resposta a outra que foi arrancada subrepticamente, por menos a parte dos signatarios, por um republicano mau.

Á ÚLTIMA HORA

A pedido de dois vultos do *Partido Republicano* muito em evidencia, pedido tão cavalheiresco como honroso para nós, resolvemos do n.º 4 por deante dar a este semanario o nome de *Clarim das Ruas*, para o que já está o proprietario *devidamente habilitado*.

Estão tambem habilitados os semanarios *Patria Republicana* e *Grito de Janeiro*, dizemol-o para evitar demais *conflictos*.

Este pedido foi-nos feito afim de não nos travarmos de questões com os srs. *Alexandre Braga, Malva do Valle, Gonçalves Cerejeira* e *Fausto Guedes*, homens que muito respeitamos, razão esta porque pedimos ao proprietario d'este jornal que concordasse connosco.

Publiquem agora os srs. o «Portugal»

Consintam que o proprietario d'este jornal diga coisas interessantes do **Grupo!!**

Que o Paiz leia e saiba quem na hora das querellas e ajustes nos tribunaes se promptifica a **assumir responsabilidades**.

Coimbra, 17 do 11 de 97.

A Redacção

MALES E REMEDIOS

Recompôr ministerios, lançar ás multidões indifferentes da sociedade portugueza fornadas de pares e fantochadas eleitoraes, publicar no *Diario do Governo* portarias louvando o capitão fulano, pelos serviços prestados quando o rei esteve no Algarve, elogiando o presidente da Camara de tal *pelo estado de aceio* em que tinha todas as repartições a seu cargo etc.: eis no que se resume a obra visivel dos nossos dirigentes e dizemos visivel porque invisivelmente fazem-se cousas que quasi todos sabem, mas que muito poucos dizem...

Diz-se que no proximo janeiro, o governo apresentará ás cortes uma lei eleitoral elaborada pelo Bacoco e, logo que esta seja votada, a camara será dissolvida e em seguida haverá nova eleição, nova farça, nova burla.

De janeiro a abril fornada de pares e nova recomposição e «lá para o mez das flores», como diz o inclito Marianno, abrir-se-ha novamente o parlamento.

E aqui ficaremos, constantemente a girar, neste circulo vicioso até que qualquer nação estrangeira se resolva a darnos dois ponta-pés por nos não sabermos governar, ou então, quanto antes, o povo portuguez se convença de que um povo arruinado, sem credito e sem honra para se levantar perante os olhos do mundo precisa mais alguma cousa do que pantomimas no Solar e viajatas do Burnay a Paris.

Diga-nos quem se preza de ser portuguez o que teem feito, qualquer dos partidos monarchicos, ou mesmo que projectos ou que planos teem apresentado para tirar Portugal do abysmo ignominioso em que se encontra?

Digam-nos, se continuar-mos neste *dulce far niente*, onde iremos parar?

Diga-nos o valente exercito portuguez, que tantas vezes se tem enaltecido com brilhantes victorias, com feitos gloriosos, que tantas vezes tem feito recuar o estrangeiro voraz que nos tem querido lersar, diga-nos pois se está resolvido a consentir que o estrangeiro entre em Portugal, como em paiz conquistado, e faça andar o sempre nobre e sempre altivo soldado portuguez ás suas ordens?

Creemos bem que, quando o não consentiu a um Napoleão, não o consentirá ao pirata inglez, ou alemão.

Diga-nos a mocidade estudiosa, essa enorme legião de operarios da sciencia, se não sentiria despedaçar-se-lhe o coração ao ver um pedagogo estrangeiro entrar numa escola, como quem entra numa taberna, e impôr-nos uma lingua em que Camões não escreveu, fazer-nos renegar a bella e encantadora lingua em que nossas mães nos dirigiram a primeira caricia?

Não pode ser; era necessario suppôr a sociedade portugueza completamente depravada, sem um unico sentimento de dignidade e pondonor, para crer que o povo portuguez deixasse consumir a obra que a monarchia constitucional vem preparando ha tantos annos.

Dediquemos-nos todos d'alma e coração á causa da patria, sacrificuemo-nos até ao ultimo ponto e vel-a-emos resurgir nobre e pura como outr'ora.

Carlmen.

Digressão

Um grupo de rapazes de Academia d'esta cidade tencionam ir dar uma recita em Aveiro antes das ferias do Natal, para o que o distincto poeta Gonçalves Cerejeira está fazendo a serenata.

Livro importante

A casa editora *Stofecharflacholmarplan*, a mais importante de todos os mundos, acaba de comprar ao sr. *socialicida* a propriedade do seu livro notavel *Socialicidio — Estudo a 7 compassos da Voz do Porvir sobre a influencia do acinte por causa d'uma sebenta sobre os miolos asininos d'um asno comico*.

MARTINS DE CARVALHO

Bodas d'ouro, festa nacional da Imprensa Portugueza!

Velho, aquebrado phisicamente, novo, sempre novo moralmente, vimos no dia 16 o Decano da Imprensa Portugueza, a assistir á homenagem que os que trabalham fizeram ao tantas vezes revoltoso, ao Jornalista destemido.

Percebe-se que o pulso de **Martins de Carvalho** está já a fraquejar, vê-se porem o seu espirito lucido e trabalhador de ha 30 annos; perseguido, seria um valente, e de valentes, de corajosos é que a nova geração é pauperrima, quasi fallecida.

Na pequenez das nossas forças, não podemos erguer a nossa voz tanto que vá tão alto que chegue aos ouvidos do Decano, enviamos-lhe a alma, enviamos-lhe a vontade, a intenção.

Passemos a esboçar a manifestação:

Pela uma hora da tarde organisou-se o cortejo junto do edificio da Camara Municipal, sendo aberto pelos alumnos do Collegio Mondego, os quaes levavam todos bouquets e eram acompanhados pelo seu director o sr. Diamantino Diniz Ferreira; seguim-se depois os representantes da *Sociedade União Artística do Bairro Alto*, *Associação de Classe dos fabricantes de calçado*, *Associação de Classe dos merceneiros* e muito Povo. Tambem ia a *Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Coimbra*, precedida da repectiva *fanfarra*, representantes da *Imprensa* etc.

O cortejo era constantemente invadido pelas massas compactas de Povo que disputavam os logares.

Á porta do sr. **Joaquim Martins de Carvalho**, o presidente da *Associação dos Artistas*, sr. Jorge da Silveira Mores, leu uma mensagem, descendo após isto os srs. dr. Fernando Martins de Carvalho e Brito Aranha, representante do *Diario de Noticias*, afim de, em companhia dos delegados do *Monte-Pio Conimbricense Martins de Carvalho* e da *Artistas*, descerrarem a lapide, que se encontrava vedada por duas senefas de seda azul.

Em linguagem vibrante de entusiasmo e eloquencia agradeceu o sr. dr. **F. Martins de Carvalho**, em nome do seu extremoso avô e de sua familia, a manifestação com que o honraram.

Encontrava-se o **festejado** sentado em uma cadeira na officina de trabalho, que estava enfeitada com festões de verdura e flores, tendo alem d'isso os retratos de Victor Hugo, Alexandre Braga e o seu.

Entrou pois o cortejo e um alumno do Collegio Mondego proferiu um discursinho, emquanto os seus collegas cobriram o venerando ancião de flores.

Seguiu-se-lhe o Presidente da Assembleia Geral da *Voz do Operario*, de Lisboa, que lhe offerceu um lindo estojo de secretaria em prata encastoadá a ouro; o sr. Luiz Rosette do 2.º anno de Medicina, o Presidente da *Associação Commercial*, Presidente da *Commissão Municipal Republicana de Cantanhede*, entregando-lhe uma mensagem.

Em seguida foram dirigidos ao **festejado** os cumprimentos pelo representante do *Portugal*.

Fallou depois o sr. Antonio Angelo de Mello, em nome dos Conimbricenses residentes na Figueira da Foz, entregando-lhe uma bella pasta de seda verde e encarnado, com os seguintes dizeres: *A J. M. C. os Conimbricenses residentes na Figueira da Foz, 16-11-47=16-11-97.*

O *Defensor do Povo* tambem enviou ao *Conimbricense* uma pequena pasta de seda e arminho com fitas verde e vermelha.

O pessoal da *Typographia Operaria* tambem entregou ao venerando jornalista uma mensagem.

Os socios fundadores do *Grupo Dramatico Martins de Carvalho* entregaram ao seu patrono a seguinte mensagem:

Vimos tarde, não podemos vir mais cedo; vimos porem cheios de respeito e estima depôr nas vossas mãos o preito de consideração e affecto que um Mestre sabe inspirar aos discipulos, quando docil, meigo e cheio d'abnegação.

Aqui estamos, escudando-nos o vosso nome, como couraça medieval que os tempos respeitam, em que as lanças se quebram.

A pequenez dos nossos meios é robustecida pela magnanimidade do vosso espirito, accitae os nossos protestos de reverencia e acatamento e tereis recebido com elles os corações agradecidos de rapazes, corações cheios de vida e amor, que depõem em vossas mãos.

Não podemos vir no dia em que foste festejado como jornalista, como protector dos pobres; vimos no dia em que offeram corôas de louro á vossa ancianidade no respeito que mereceis a todos, no amor pela familia, na abnegação pelos pobres, no vosso 75 anniversario.

Despedi-nos, ficae porem com este molho de flores que se chama o conjunto dos nossos corações.

Que nas despedidas os peitos se estreitem, as almas se confundam será esse o voto eterno d'uma alliança desinteressada do jornalista valioso com o typogapho humilde, do artista de talento com o aprendiz dos tempos e nos tempos.

O tempo foi o vosso Mestre, a vossa intelligencia a guia sancta que vos indicou o caminho da caridade, do bem, da Liberdade.

A vossa liberalidade havia de arrastar immediatamente o vosso espirito, a vossa alma a recostar-se nos braços da Liberdade, velando por Aquelles por quem quereis ser acobertado.

Livre, tres vezes livre, vós sois o Mestre que nos leva por a mão ao caminho da emancipação.

Deus vos salve, como nós vos saudamos!

Os socios fundadores do *Grupo Dramatico Martins de Carvalho*

- Afonso de Bastos
- Antonio Augusto Larcher
- Manuel Augusto dos Santos
- Joaquim Ferreira Junior
- Francisco Augusto Ramalhet.

Era surprehendente o effeito produzido pela profusa illuminação da rua Martins de Carvalho, á noite, sobressaindo os arcos embandeirados em que se liam as duas datas—1847 e 1897, bem como os titulos de algumas importantes obras do illustre redactor do *Conimbricense*.

Á noite, Joaquim Martins de Carvalho, foi tambem cumprimentado pelos srs. dr. Guilherme Moreira, Antonio Augusto Gonçalves, dr. Eduardo Vieira, Quintans Lima, Rodrigues da Silva, Cassiano Ribeiro, que simultaneamente representavam a commissão municipal republicana de Coimbra e a redacção da *Resistencia*.

Foi tambem visitado pela fanfarra dos voluntarios e philarmonica *Conimbricense*. Tambem lhe foram apresentadas varias mensagens de diversas associações.

Martins de Carvalho recebeu tambem grande numero de telegrammas dos nossos mais notaveis jornalistas e das individualidades mais conhecidas: entre elles podemos citar os srs. Alfredo Cunha, Alberto Bessa, pela Associação da Imprensa Portugueza, Bordallo Pinheiro, Anselmo de Moraes, Augusto Leite Guimarães, conselheiro Dias Ferreira, Antonio Miranda, João Chrysostomo Mackonnet, Eduardo de Abreu, Augusto de Castro, Botto Machado, Antonio Faria, Joaquim d'Aranjo, visconde da Marinha Grande, Augusto Veiga, e Pedro Fernandes Thomaz, pela *Gazeta da Figueira*.

A commissão professional typographica da Associação Fraternal dos Operarios Conimbricenses, entregou ao sr. Martins de Carvalho uma mensagem da Liga das Artes Graphicas do Porto, impressa em cartão e artisticamente aguarellada, apresentando o busto do intemerato jornalista e varios ornamentos allegoricos.

Passou no dia 19 o 75 anniversario do venerando Decano dos jornalistas portuguezes.

Os nossos mais sinceros parabens.

Tenente Coelho

Já entrou em franca convalescência o nosso sympathico correligionario sr. Manoel Maria Coelho.

LA MONTAÑA

Distincção honrosa

O noso presado amigo **José Emygdio Soares Costa Cabral** acaba de ser convidado por os srs. **José Ingegneros** e **Leopoldo Lugones**, redactores e directores d'aquella importante revista de Sociologia, Arte e Philosophia, a tomar parte na sua collaboração, que se orgulha de contar os nomes de *Auguste Bebel*, *Juan Bonaguiso*, *Gabriel Deville*, *Sebastian Faure*, *Juan Jauré*, *Pablo Lafargue*, *Jules Guesde*, *Charles Letourneau*, *Aquilles Loria*, *Nicanor de Sarmiento*, *E. Vandervelde*, *G. Mascart*, *René Worms* e *Adolpho*, *Zerboglo* (Sociologia); *Paul Verlaine*, *Alina Valette*, *Octave Mirbeau*, *Ernest Renan*, *Leon Tolstoi*, *Honoré de Balzac*, *Marius Centore*, *Felipe Turati*, *Guillaume De Greef*, *Gustave Flaubert* e *Henry Lacordaire* (Arte, Philosophia, Variedades); e bem assim os nomes de *Dewine*, *Luis Dub rehuil*, *Carlos Malagariga*, *Claude Treves* e *Weber Adrian*.

A carta é extremamente penhorante para o nosso amigo, o primeiro portuguez collaborador de **La Montaña**.

Os nossos mais sinceros parabens.

Da digna «Tuna academica de Lisboa» recebemos o officio seguinte:

Tuna academica de Lisboa—Rua Nova de S. Domingos 34, 2.º

Ill.º Ex.º Sr.

Confrontando o nivel moral da actual geração academica, com o das gerações anteriores d'onde sahiram e no meio das quaes se evidenciaram tantos e tão pujantes talentos, nota-se da parte d'aquella uma sensível depressão.

Este facto que devia merecer a mais solicita attenção e o mais profundo estudo aos governos, pois que constitue um factor importante de dissolução da nacionalidade portegueza, cremol-o sobretudo devido á falta de orientação scientifica e litteraria, á desunião que lavra entre os alumnos das diferentes escolas e á falta de communicação entre alumnos e mestres.

Fôra dos cursos o mestre é em geral, para o alumno um extranho.

Para obviar tanto quanto possivel a este mal, resolveu a direcção da Tuna Academica de Lisboa atrahir á sua sede os estudantes das diferentes escolas, crear um gabinete de leitura, assignar diferentes revistas scientificas e litterarias e pedir aos nossos mais illustres homens de sciencias e letras para effectuarem conferencias na sede d'esta associação.

Por estes motivos confia a direcção que V. Ex.ª se dignará auxiliar-a na sua missão, doando-lhe alguns livros, jornaes ou revistas cuja leitura V. Ex.ª entenda poder ser util ao desenvolvimento e boa orientação da academia de Lisboa.

Deus guarde a V. Ex.ª

Lisboa 15 de novembro de 1897.

Ill.º e Ex.º Sr. Director do *Portugal*.

A DIRECÇÃO

- Jayme Ribeiro
- João Luiz Ricardo
- João Antonio da Silva
- Alfredo Monteiro
- Lourenço Gonçalves Rita
- João Guerreiro Mestre
- Samuel Maia do Loureiro
- Carlos d'Almeida Pereira.

A redacção do *Portugal* encarrega-se de fazer chegar ás mãos da Ex.ª Direcção que subscreve o presente officio qualquer auxilio que lhe queiram prestar.

Nota triste

No dia 19 do corrente falleceu repentinamente a esposa do sr. João Serio Veiga, membro da commissão promotora dos festejos em honra de Martins de Carvalho.

As nossas condolencias.

Correio republicano

Defensor do Povo—Agradecemos a sua penhorante conducta.

Tuna Academica de Lisboa—Recebemos e respondemos já.

Centro Republicano do Porto—Recebemos e respondemos já.

Tuna Academica de Santarem—Defendido o seu pedido.

La Montaña, revista de Buenos Ayres—Recebemos e agradecemos.

Chuva de estrelas

O sr. Flamarion acertou com a sua chuva de estrelas; cá vimos, era uma chuva que molhava que era uma coisa admiravel.

Chuva de... vinho

Dizem-nos que o sr. Paul Leroy-Beaulieu mandou fazer preces ao Bacho para vir uma chuva de vinho, de forma ao *socialicida* pagar um cão ao proprietario da typographia onde era composto o seu jornal.

Junta com esta chuva, virá uma tempestade de navalhas de barba para o *socialicida* (sic) fazer... a sua (d'elle).

Pedimos ao sr. Costa Ferreira, nosso companheiro de redacção, de este numero não ir ainda o seu conto—A Tia Brites.

O mesmo pedimos a alguns dos nossos collaboradores; irão os seus artigos no 4.º numero.

Damos um doce a quem nos disser porque foi apreendida na quinta feira A *Marselhesa*.

Publicações recebidas

- O *Odemirensense*.
- O *Reporter*.
- Jornal de Penafiel*.
- Defensor do Povo*.
- Conimbricense*.
- Alma Nova*.
- Correspondencia de Coimbra*.
- O *Porvir*.
- O *Districto de Faro*.
- La Revista Moderna*.
- A *Critica*.
- O *Intransigente*.
- O *Futuro*.
- Resistencia*.
- Aurora do Cavado*.
- O *Eclético*.

Abundio da Silva

O Partido Miguelista ja sahio no dia 14 de casa a consultar o sr. dr. Freitas. Estimamos as suas melhoras.

Revista Republicana

Recebemos o 13 numero d'esta excelente revista, cujo contheudo é:

O retrato do nosso estimado correligionario **Dr. Hygino de Sousa**, acompanhado d'um artigo biographico; a Republica e Igreja—Opinião de Salmeron;—*Tribuna republicana*, A propaganda nas provincias, — A Republica Brasileira, Manifestação Republicana — Antonio Pacheco Moreira Lobo, A ceita jusuítica em Hespanha, Bolas de Sabão; *Movimento Republicano* — Noticia do movimento em sentido republicano em Lisboa, Provincias e Africa; *Os Centros Republicanos* — Ferração dos Agrupamentos Republicanos; — *Coisas e Loisas* — Noticias e sueltos; *Pulpito do livre pensador* — O que é o jesuita? Dois obreiros do Senhor, Propaganda pelo facto, Estatística; — *Pelo Extrangeiro* — Chronica de extra-fronteiras; *Livro e jornaes* — Publicações recebidas.

Preços de assignatura: — Lisboa serie de 5 numeros, 100 réis. — Provincias, serie de 20 numeros, 500 réis — Brazil, serie de 20 numeros, 2\$000 réis. — Africa, serie de 20 numeros, 1\$000 réis.

Os pedidos de assignaturas devem ser feitos por carta ou bilhete postal, ao gerente **Augusto Rato**, rua do Valle (a Jesus), 16, 4.º D. — Lisboa.

ATHENAS

LARGO DA SOTTA

EDIFICIO DO HOTEL MONDEGO

Casa illuminada a **Gaz Acetyleno** que tem 20 vezes o poder illuminante do gaz ordinario e pela suavidade baptisado em França **Lumiere de Velours**.

Café montado com conforto e luxo, bilhares artisticos com a celebre tabella americana **Souveraine**, tacos e accessorios Saint Martin de 1.^a ordem. Tudo novidade em Coimbra.

Vinhos e bebidas de todos os generos e qualidades. 1.^a escolha.

Restaurante com serviço por lista a toda a hora. Execução por encomendas de refeições. Comida por mez, ajuste especial.

COSINHEIRO DE LISBOA

ANTIGA DROGARIA AREOSA

JOSE' FIGUEIREDO & C.^a

25-MONTARROIO-33

COIMBRA

Deposito da sociedade de perfumarias higienicas e antisepticas de Bordeaux, das do Dr. Bousset, e da Empreza das Aguas Minero-Medicinaes de Entre-os-Rios.

Artigos para Photographia. Chapas allemãs, francezas e inglezas. Cartões, papel preparado e mais productos proprios para a photographia.

Fornecimentos para Pharmacia. Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas das melhores procedencias. Perfumarias de diferentes qualidades.

Cimentos inglezes, de diferentes marcas garantidas.

Sulfato de Cobre para as vinhas, garantido a 99 %.

Preços resumidos. Vendas por junto e a retalho.

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

VIUVA A. DE PAULA E SILVA

2-RUA DO INFANTE D. AUGUSTO-4

COIMBRA

Nesta já conhecida *agencia*, fundada em 1893, tratam-se quaesquer negocios dependentes da Universidade, incumbindo se tambem de obter *cartas de doutor, de licenciado, de bacharel, de formatura, de pharmaceutico, etc.*

DEPOSITO DE BANDEIRAS

E DE

Todos os artigos para ornamentações de festejos

SERIO VEIGA

66, RUA DA SOPHIA, 68—COIMBRA

Neste deposito, o primeiro no seu genero nesta cidade, encontra se para alugar um variado sortimento de bandeiras de diferentes tamanhos e gostos, assim como: arcos, columnas, pedestaes, postes, estatuas em tamanho natural, vasos, escudetes, escudos, floreas, lanternas de vidro branco e de outras côres, balões venezianos, balões á crivas, balões de movimento, etc.

TABACARIA ACADEMICA

JOAQUIM DA SILVA NEVES

13-RUA DO INFANTE D. AUGUSTO-15

COIMBRA

Nova agencia de negocios universitarios

Centro de assignaturas—Loteria e papelaria

TYPOGRAPHIA OPERARIA

LARGO DA FREIRIA, 14—COIMBRA

PROPRIETARIO—PEDRO CARDOSO

Satisfaz-se com brevidade todo o trabalho typographico, executando-se com o maior cuidado e esmero, havendo para isso magnifico material nacional e estrangeiro.

Especialidade em facturas, addresses, enveloppes, timbres, memorandums, diplomas, bilhetes de visita, rotulos para pharmacia, etc.

Tambem se fazem cartazes e programmas para theatros, jornaes politicos e litterarios, publicações de grande formato, etc.

Para fóra de Coimbra remetem-se encomendas francas de porte.

PHARMACIA DO CASTELLO

Premiada em varias exposições

FUNDADA EM 1839

Neste estabelecimento, permanentemente dirigido por pessoa habilitada, encontra o publico o mais completo sortido de productos chimicos e pharmaceuticos, instrumentos cirurgicos, artigos de penso, algalias, mamadeiras, seringas de todos os systemas e applicações, meias elasticas, irrigadores de Esmarch, Eguisier, etc., etc., stetoscopios, pulverisadores, forceps, aguas mineraes nacionaes e estrangeiras, etc.

Tomam-se quaesquer encomendas de França ou Allemanha mediante pequena commissão.

Aviam-se formulas homeopathicas.

CAMILLO & COSTA

Largo do Castello—COIMBRA

Julião A. d'Almeida & C.^a

20—Rua do Sargento-Mór—24

COIMBRA

Neste antigo estabelecimento cobrem-se guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem teem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

Receberam ultimamente um sortido de sarja de seda de variadas côres, para guarda-soes e sombrinhas de senhoras. O que ha de mais *chic*.

ANTONIO AMBROSIO

6, Adro de Cima (a S. Bartholomeu), 7

COIMBRA

Bandeiras para cordas e paus, de diferentes tamanhos; ditas com galhardetes e outros ornatos, tambem de diferentes tamanhos.

Grande variedade de balões venezianos, copos de côr, lanternas e escudos, que tudo aluga por preços commodos.

Este estabelecimento, o mais antigo neste genero, foi o que forneceu a ornamentação para os festejos de Camões.

ADVOGADO

Frederico Guilherme N. de Carvalho

RUA DA SOPHIA, 56

COIMBRA

BALÕES AEROSTATOS

Fabricam-se de diferentes gostos, com lindas e variadissimas côres, para fazer subir em arraiaes, medindo de 0^m,90 até 6^m,0, regulando os seus preços de 40 a 600 réis.

SERIO VEIGA—Sophia—Coimbra

Unico estabelecimento em Coimbra

NO GENERO

43—RUA DA SOPHIA—45

Pianos, bicycletes, machinas de costura, artigos electricos, etc., etc.

Vendas a prompto pagamento e a prestações.

Correspondente de emigração para todos os estados da Republica do Brazil. Passagens gratuitas.

A. S. DE CARVALHO

COPIOGRAFOS

Para reproducções de manuscriptos, circulares, avisos, preços correntes, sentas, et., etc.

Garante-se 50 copias.

SERIO VEIGA—Sophia—Coimbra

EDUARDO VIEIRA

ADVOGADO E TABELLIÃO

Rua da Sophia, 53

COIMBRA

ENCADERNADOR

ALBERTO VIANNA

LARGO DA SÉ VELHA

COIMBRA

BARBEARIA

JOSE' COIMBRA

Rua do Infante D. Augusto

COIMBRA

CAFE' MINERVA

José Maria de Figueiredo

17, RUA DO INFANTE D. AUGUSTO, 21

COIMBRA

CONSULTORIO MEDICO

JOÃO DOS SANTOS JACOB

COIMBRA

Rua de Ferreira Borges

ENCADERNADOR

AUGUSTO COSTA

COIMBRA

Rua do Infante D. Augusto

BORGES D'OLIVEIRA

ADVOGADO

RUA DO VISCONDE DA LUZ

COIMBRA

Branco e Negro

Semanario illustrado

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente), por trez mezes — Portugal e ilhas adjacentes, 550 réis — Africa Portugueza, 650 réis — Estrangeiro (paizes da União Postal), 4 francos — Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania, 1700 réis.

NUMERO AVULSO 40 REIS

A propriedade deste jornal é da Livraria e casa editora Antonio Maria Pereira, de Liaboa.

Redacção e Administração—Rua Augusta, 47, 2.^o andar.

PIERRE DECOURCELLE

OS DOIS GAROTOS

Grande e sensacional romance em publicação, ornado com 200 gravuras 120 réis cada fasciculo de 6 folhas e 6 gravuras, franco de porte!

Pedidos á Antiga Casa Bertrand — José Bastos, editor — Rua Garret, 75 — LISBOA.

EDITOR

JOSÉ MARIA DOS SANTOS NAZARETH

Typographia Operaria—Coimbra

PORTUGAL

Neste termo se consubstancialisa a idéa nobre e santa que nos inspira em fremitos de terno amor; amar a Patria é contemplar a Humanidade, e hoje ser patriota é ser republicano.

Patria e Republica são hoje duas idéas complementares sem uma das quaes a outra não pôde ser.

Olhando seculos atraz vemos um Povo robusto e valoroso dictando leis ao mundo, recebendo em seus labios o osculo da unção de todos os demais Povos; hoje, recebemos leis de tudo e de todos, sentimo-nos ligados á cauda d'um cavallo lazarento, á corrupção, chicoteados por os párias da infamia, os judeus financeiros.

Acaso terá o Povo culpa d'esta degradação em que nos encontramos?

Sim, o Povo é o primeiro criminoso; enquanto fabrica a polvora que emprega em foguetes do ar, deveria antes com ella fazer cargas para as caçadeiras e com ella caçar esses *maraus* que para ahi parasitam.

Párias! A que baixeza de caracter fostes vós levados de impulso em impulso, como em desordem vertiginosa, que a tudo e a todos tem corrompido?

Que poder e de que auctoridade vos servistes vós para levardes um Povo á borda d'um abysmo insondavel, a não ser que uma revolução insolvente e grandiosa ao mesmo tempo tudo desabe, tudo derrue?

Povo! Desconhecemos-te, chegamos a duvidar que a Historia seja sequer a narração de factos, porque Ourique, Aljubarrota e tantos mais logares vos lançam, a Vós Portuguezes, o labeo de poltrões ou nos levam a crêr que esses factos que demoravam seculos e seculos e formaram uma Epopea grandiosa não passam de fanfarronadas d'um Povo sempre cretino, sempre louco.

De duas uma: ou desmenti a nossa crença ou rasgae a Historia!

E' preferivel fazer dos *Luziadas* um Poema da Humanidade a fazer d'elles papelinhos para cartuchos de foguetes.

Se em vosso peito não ha a coragem para fazerdes uma revolta, ide buscar a cicutá ás margens dos riachos, porque esses lá se vão juntando até entrarem no seio d'esse grande elemento de revolta, o mar.

Se em Portugal não ha Portuguezes, vamos á taberna, embriaguemo-nos e, manietados, entreguemo-nos á

Inglaterra infame ou á Allemanha capulosa.

Estamos nas delicias de Capua, em breve estaremos na corrupção da Babylonia, e na doçura do Egypto tutelado.

E que nos importa a nós ser um Povo livre e independente?

Provavelmente o mesmo que ao larvado importa ser um assassino poltrão.

Deve importar, sim; não se rasga assim uma Historia como quem rasga um papel sujo e immundo, porque a Historia é não só a narração dos factos, mas sim tambem a critica d'esses mesmos factos, o quadro que, mostrando-nos um passado heroico, nos instiga á lucta, nos lança na gloria.

Rasgar, interromper a norma de vida que essa Historia nos aponta é fazermos da alma uma rodilha, do espirito um nojo, do homem um ser abjecto.

E' isto o que entendemos e é por isso que apregoamos um ideal de justiça e verdade.

Ideal que tem o seu berço na propria existencia do eu, o seu motor na sentimentalidade, a sua ultima morada no infinito da existencia, na perfeição extrema da animalidade.

Como vémos, vem de longe o nosso ideal; é velho nos tempos, tem raizes profundas nos nossos corações; não nos intimidam as arbitrariedades, como aos tempos não intimidam os cataclysmos; somos pelo Povo e para o Povo, como somos dos bancos das escholas para as barricadas.

O nosso ideal é purissimo, baptisado em sangue, tem a sua corroboração de virtude na Historia, o seu apogeu no futuro, a sua aureola nos corações.

Perfílhada na sua essencia esta pura e santa idéa na India, por Budha; na Judea, por os Therapeutas e os Essenios; na Grecia, por Lycurgo, Pythagoras, Solon e Platão; em Roma, por os Graccos; Christo deu-lhe a sua sanção eterna, arvorou-a em principio, divisiou-a.

Centenas de gerações hão passado sobre ella, e firme e pura ella ahi se ostenta, desafiando os tempos, chamando á liça dos Cesares.

Quem a quizer encontrar tem simplesmente um trabalho, dirigir-se á mansarda do faminto, á palhoça do desgraçado; a idéa republicana habita ahi, por que d'ella se parte para um futuro melhor, mais longinquo, a justiça e a egualdade.

Hoje os nossos arraiaes são neste combate sem polvora; amanhã co-

brindo o buraco d'uma barricada; depois . . . no meio de todos vós.

«Prégamos, como passo para a felicidade futura, a Republica federativa», dizia um manifesto socialista publicado nesta cidade e redigido por um dos redactores d'este semanario; Gonçalves Cerejeira, o novo bacharel illustrado e o republicano *pur sang*, proclama tambem a federação para a realização plena da sociabilidade humana, que pelo gradual e progressivo desenvolvimento das normas de fraternidade emanadas do instinto ou sentimento altruista, vem, pois, completar o homem individual, integrando-o na constituição harmonica dos diversos órgãos; nós, pelo nosso lado, aneiamos pela sua realização, tanto mais que «a organização federal dos Estados livres da Peninsula Iberica impõe-se irresistivelmente a todos os espiritos sensatos como uma conquista do progresso e uma garantia da nossa liberdade autonómica».

O Grupo Republicano de Estudos Sociaes, que temos a honra de cumprimentar, pela bocca dos srs. drs. João de Menezes, Brito Camacho e Joaquim Madureira, advoga eguaes idéas e o federalismo é tambem o ideal supremo do nosso prestimoso Mestre, o sr. dr. Theophilo Braga.

Antes de socialistas somos federalistas, e antes de federalistas somos republicanos; queremos abrir caminho para a Realização do Bem, e esse caminho só se nos afigura ser a Republica.

Republicanos dentro da monarchia, seremos federalistas dentro da Republica, pugnando ainda por a mais lata extensão da sociabilização humana na idéa e na pratica.

Não traçamos um programma, esboçamos o nosso modo de sentir e pensar.

E para que traça-lo se elle está melhor gravado no nosso coração?

Do Povo, por o Povo e para o Povo ahi está o paladino; resta reduzir esse campeonato a factos, venha a polvora!

Em outros redactores havia talvez essa *evolução revolucionaria* (como alguém disse) do cerebro alimentado por a timidez, em nós existe o sangue fogoso dos revolucionarios; nelles haveria a intelligencia, em nós existe a vontade; elles escreveriam em frente de pesadas bibliothecas, nós escrevemos em frente d'um bacamarte; elles teriam pennas d'ouro, as nossas são de ferro.

De republicanos o sangue, de socialistas o sentimento!

Escrevemos hoje com a tinta com que amanhã nos será lavrada a sentença, manifestaremos aqui a vitalidade do sangue que amanhã brotará de nossos corpos; assim é que se faz opposição!

Apostolos da idéa, martyres da propaganda!

Disse-o a penna, pague-o o corpo; agora a tinta, logo o sangue!

Que o vermelho do nosso estylo seja o clarão dos nossos tiros!

EXPEDIENTE

Consideramos assignantes os cavalheiros a quem enviamos o presente numero e não nol-o devolverem.

Este semanario nada tem de commum com o antigo «Portugal».

COMEÇANDO

Mais um combatente se levanta, com o enthusiasmo da juventude, com a força que lhe dão a razão e o direito, impellido pelo amor da Patria, acalentado pela esperança, para se juntar aos que pelejam pela verdade, aos que luctam para derruir thronos, desmoronar monarchias, emancipar os povos, reclamar e exigir os direitos de todos os cidadãos e restabelecer a moralidade e a justiça.

E eu ao encetar esta empreza tão justa e tão nobre sou obrigado, por um dever de consciencia, a prestar homenagem, primeiro que tudo, a um homem, que hoje é um symbolo, que tem sido victima das mais atrozes perseguições e sae sempre da injustiça, sorrindo para os algozes, e com mais vida e mais coragem para a lucta.

Esse homem é João Chagas. Desde a Republica Portuguesa á Relação do Porto, d'aqui ao 31 de janeiro, do 31 de janeiro ao exilio, do exilio aos *Pamphletos*, dos *Pamphletos* ao *Berro*, do *Berro* á *Marselheza*, João Chagas tem sido um luctador incansavel, com a vontade mais persistente, a intransigencia mais tenaz, hasteando sempre a bandeira da revolta, o facho da revolução redemptora com a coragem de um estoico e a firmeza de um caracter que não verga aos impulsos mais ardilosos.

Tanto basta para que João Chagas seja para nós um symbolo que todos devemos imitar e se assim fizermos veremos a nossa Patria resurgir honrada e livre dos escombros d'este grande povo que infames falsarios collocaram em um abysmo ignominioso.

A vante pois! luctemos sem treguas até chegarmos á verdadeira civilização «que é o oceano d'onde emana a riqueza de um povo, e em cujo seio se encontram todos os elementos da vida d'esse povo, todas as forças da sua existencia» como dizia Guizot.

AO EX.º GOVERNADOR CIVIL DO DISTRICTO DE COIMBRA

Já deu V. Ex.ª andamento a um processo-copia que lhe foi enviado por o Quartel General da 2.ª Divisão Militar em Julho ou Agosto do presente anno?

Castiguem-se os culpados e criminosos!